

**Isaiás previu
algo a respeito
de Jesus?**



Profeta Isaiás

Paulo Neto

Isaías previu algo a respeito de Jesus?

(Versão 3)

“Todos nós precisamos examinar nossas crenças e práticas religiosas de tempos em tempos, para ver até que ponto são governadas, não pela inteligência e liberdade espiritual, mas por hábitos de infância e tabus aprendidos na adolescência”. (TOM HARPUR)

Paulo Neto

Copyright 2016 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

<http://2.bp.blogspot.com/-BI36aQxzxx8/TsPiiRgnt9I/AAAAAAAAABIY/28IjeID5tHE/s1600/ISA%25C3%258DAS6.BMP>

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2016.

Índice

Introdução.....	4
Informações sobre Isaías.....	11
Passagens citadas como realização de algum evento previsto por Isaías.....	17
Evangelho de Mateus.....	17
Evangelho de Marcos.....	88
Evangelho de Lucas.....	91
Evangelho de João.....	94
Atos dos Apóstolos.....	95
Carta aos Romanos.....	103
Primeira Carta aos Coríntios.....	107
Primeira Carta de Pedro.....	109
Conclusão.....	115
Referências Bibliográficas.....	124
Dados biográficos do autor.....	129

Introdução

Estamos juntando num só local tudo quanto se refere ao profeta Isaías que consta de nosso texto “Será que os profetas previram a vinda de Jesus?” (1) Certamente, que acrescentaremos novos elementos visando uma maior grama de informação ao leitor.

Nosso principal objetivo é deixar evidenciado que todas as passagens bíblicas do Novo Testamento e, especialmente, as que colocam Jesus como o servo sofredor não é citado em Isaías, que, como sabemos, pertence ao Antigo Testamento.

Mencionaremos alguns trechos da Introdução do texto para que você, caro leitor, não fique muito perdido.

Não sabemos como encontraram tantas profecias; inclusive, diga-se de passagem, que muitas não são propriamente o que se pode chamar de profecia, já que são passagens relacionadas a fatos corriqueiros do dia a dia das respectivas

épocas, não sendo, portanto, uma previsão para um acontecimento futuro.

Acreditamos que, no desenrolar desse estudo, ressaltaremos algumas delas, a fim de que, você, leitor, possa ter elementos suficientes para tirar suas próprias conclusões.

Então, julgamos que uma profecia feita para um povo deve interessar a esse mesmo povo que vive; e não a um outro futuro; é isso que deveria valer. Se houver alguma profecia para um futuro longínquo, e pode mesmo ter havido uma ou outra, ela somente terá sentido se, repetimos, tiver sido escrita antes do acontecimento dos fatos a que ela se refira.

E, assim mesmo, torna-se duvidosa, como no caso das “profecias” de Nostradamus, que os mesmos seguimentos religiosos que justificam suas existências em função das profecias relativas a Jesus, negam as de Nostradamus, ainda que feitas e escritas antes dos acontecimentos dos fatos a que as deste se referem.

O curioso é que, com o tempo, acabamos

encontrando respaldo para esses nossos questionamentos em Bart D. Ehrman autor da obra **Problema Com Deus:**

[...] **Muitas pessoas hoje**, principalmente os cristãos conservadores, **leem os profetas como se eles fossem videntes prevendo em bolas de cristal acontecimentos ainda por vir em nossa própria época, mais de 2 mil anos distante da época** em que os profetas estavam falando. Essa é uma abordagem absolutamente egocêntrica da Bíblia (tudo diz respeito a mim!). [...].

[...] **Eles não estavam falando sobre o que iria acontecer a longo prazo, milhares de anos depois de sua época. Estavam falando para as pessoas que viviam em sua própria época e dizendo a elas o que Deus esperava delas e o que faria caso não obedecessem.**

Como regra, os profetas acreditavam que haveria terríveis consequências para aqueles que não seguissem suas instruções, dadas por Deus. Para eles, Deus era soberano sobre seu povo e estava decidido e determinado a garantir que se comportasse adequadamente. Se não fosse assim, ele iria puni-lo – assim como tinha punido antes. Ele podia provocar secas, fome, dificuldades econômicas, revezes políticos e derrotas militares. Acima de tudo, derrotas militares. O Deus que tinha destruído os exércitos egípcios quando resgatara seu povo da escravidão iria destruí-lo caso não se comportasse como seu povo. Portanto, para os profetas, os revezes que as

peessoas experimentavam, muitas das dificuldades que enfrentavam, muito de seu sofrimento, eram impostos diretamente por Deus, como uma punição por seus pecados e um esforço para levá-las a mudar. [...]. (2)

É importante lembrar, porém, que eles **[Isaías e Jeremias], e todos os profetas, estavam falando ao povo de sua própria época**, orientando-o na palavra do Senhor, estimulando-o a retornar a Deus e recitando o destino terrível que esperava pelo povo se não fizesse isso. [...]. (3)

Devo insistir em que os próprios profetas nunca afirmam isso como um princípio universal, como uma forma de explicar *todos* os casos de sofrimento. Ou seja, **os profetas estavam falando apenas a seus contemporâneos sobre seu sofrimento específico**. [...]. (4) (itálico do original) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Bart D. Ehrman é um respeitável estudioso da Bíblia da atualidade, especialista no Novo Testamento.

O escritor, jornalista e historiador Paul Johnson (1928-2023), um católico conservador, autor de ***História do Cristianismo***, dá-nos conta das manipulações dos textos bíblicos, visando ajustá-los

a profecias do Antigo Testamento:

Manipulações manifestas como essa não devem ser consideradas uma fraude deliberada, perpetrada com a intenção de iludir e ofuscar a verdade. **Elas ocorrem ao longo de toda a história do cristianismo, até a Renascença e mesmo depois**, e derivam de um conceito da natureza da prova documental que nos é alheio. Assim, um escriba zeloso, crendo sinceramente que a doutrina da Trindade era verdadeira, acreditava não passar de um acidente ou lapso o fato de não ter sido explicitada em 1 João, e, portanto, considerava seu dever remediar a questão. Estava apenas realizando um trabalho construtivo em favor da verdade! Quando esses acréscimos são tardios o bastante, são facilmente identificados e removidos pelos estudiosos de hoje. Quanto antes tivessem sido inseridos, mais difícil tornar-se-ia sua detecção. E, claro, depois de certo ponto, que tem lugar no princípio do século II, já não há qualquer possibilidade de limpar o texto. Ademais, mesmo que se dispusesse dos textos perfeitos e originais dos evangelhos, estes não nos protegeriam dos esforços de criar uma “verdade construtiva” por parte dos próprios evangelistas, bem como de suas fontes orais. **Tais tentativas ficam particularmente óbvias quando os evangelistas põem-se a alinhar ou modelar acontecimentos da vida de Jesus a fim de enquadrarem nas profecias do Antigo Testamento: aí, a tentação de criar – e, portanto, de falsificar – é clara, e estamos em guarda.** Também somos felizardos por dispor, mesmo

dentro do cânon, **quatro narrativas evangélicas, extraídas de uma variedade de fontes, cujos conflitos escandalosos são indicadores de áreas de verdade dúbia.** O mais óbvio refere-se às origens de Jesus: assim, sua linhagem davídica, necessária para seu papel, **é traçada por meio de José, muito embora isso seja incompatível com a teoria ou fato do nascimento pela virgem.** Há, ainda, contradições importantes quanto aos movimentos de Jesus durante sua missão, sobretudo sua visita ou visitas a Jerusalém, e tampouco os diversos relatos da Última Ceia podem ser conciliados com facilidade. (5)

Isso é para nós algo importante, pois demonstra que o caminho que estamos tomando, ao fazer uma análise crítica do tema, já foi trilhado por outras pessoas bem mais competentes que nós; portanto, se somos “heréticos”, estaremos em boas companhias.

E, especificamente, quanto à questão das profecias sobre Jesus, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada***, argumenta Pepe Rodríguez:

[...] A figura mítica de Jesus era demasiado frágil para dispensar toda e qualquer base *profética*. Se o deus bíblico não permanecia

constante, tornava-se, de facto, impossível fazê-lo prometer nuns livros o que havia de realizar nos subsequentes. **Convém não esquecer que o maior trunfo que jogou o judeo-cristianismo primitivo junto das massas incultas, e lhe garantiu uma efectiva expansão no seu seio, foi a *demonstração* de que em Jesus se haviam realizado as promessas divinas mais importantes de todas quantas os profetas haviam anunciado, ao longo dos séculos precedentes.** ⁽⁶⁾ (itálico do original)

Vemos que a tentativa de ligar Jesus aos textos do Antigo Testamento tinha o objetivo de conquistar a “massa inculta”, que, parece-nos, está refletindo até os dias atuais.

Informações sobre Isaías

Conforme a *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, o profeta Isaías teria:

Nascido pelo ano 760, de uma família nobre do reino de Judá, foi chamado por Deus no ano 740 ao ministério profético, que exerceu por cerca de 50 anos. ⁽⁷⁾

Da *Bíblia de Jerusalém*, tópico “Os Profetas”, transcrevemos:

O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. [...] **Nada mais sabemos da carreira de Isaías depois de 700.** Conforme uma tradição judaica, ele teria sido martirizado no tempo de Manassés.

[...] Isaías é o profeta da fé e, nas graves crises que a nação atravessa, pode que confiem só em Deus: é a única oportunidade de salvação. Sabe que a provação será dura, mas esperava que sobreviva um “resto”, do qual o Messias será o rei. Isaías é o maior dos profetas messiânicos. O Messias que ele anuncia é um descendente de Davi, que fará reinar sobre a terra a paz e a justiça, e difundirá o conhecimento de Deus (2,1-5; 7,10-17; 9,1-6; 11,1-9, 28,16-17). ⁽⁸⁾

Na Introdução a Isaías, constante da **Bíblia do Peregrino**, encontramos a informação de que:

O ministério profético de Isaías corresponde aos reinados de Joatão (740-734), Acaz (734-727) e Ezequias (menor de idade 727-715; maior de idade 715-698). ⁽⁹⁾

E na Introdução do Segundo Isaías (Dêutero-Isaías), lemos:

É hoje opinião comum que **os capítulos 40-55 são obra de um profeta anônimo** que exerceu o ministério entre os desterrados de Babilônia, durante a ascensão de Ciro (553-539). ⁽¹⁰⁾

E, finalmente, na Introdução do Terceiro Isaías (Trito-Isaías), informa:

Atribuir o conjunto de capítulos 56-66 a um Terceiro Isaías ou Trito-Isaías foi durante décadas opinião difundida, hoje abandonada. Alguns atribuíam ao Segundo Isaías toda a sessão 40-66; outros consideravam 56-66 **obra de um discípulo dele**. Hoje se pensa que formam uma coleção planejada de oráculos heterogêneos. ⁽¹¹⁾

Da **Bíblia Sagrada - Vozes**, colhemos estas

informações:

A. O LIVRO DO PROFETA ISAÍAS (Is 1-39): [...].

[...].

Nos 39 capítulos relacionados com a missão do profeta Isaías [cap. 1 a 39] **encontramos textos de épocas posteriores, ajuntados pelos discípulos aos oráculos autênticos do mestre.** Os textos autênticos revelam-se na linguagem clara, nobre, vigorosa e concisa, que inspira autoridade, fé em Deus e compaixão pelo povo.

[...].

B. O LIVRO DA CONSOLAÇÃO (Is 40-55): **O livro é de um profeta anônimo, chamado Dêutero-Isaías.** [...].

[...].

Merecem destaque os “Cânticos do Servo do Senhor” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52-13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo,** ou enquanto elite; outras vezes um personagem qualquer. Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo.

C. O RETORNO DOS PRIMEIROS CATIVOS (Is 56-66): **A última coleção de oráculos é atribuída a um profeta anônimo, chamado Trito-Isaías,**

cuja atividade provavelmente se coloca em Jerusalém, entre os anos 537 a 515 a.C. [...].⁽¹²⁾

E, finalmente, do livreto “Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas, Zacarias” da coleção **Grandes Heróis Bíblicos** uma publicação da Abril, transcrevemos:

ISAÍAS

(Séc. 8 a.C. e 7 a.C.)

SITUAÇÃO

A paz no reino de Israel termina em 721 a.C., quando os assírios subjugam Samaria. Com medo da ameaça externa, o reino de Judá, ao sul, começa a pagar tributos aos assírios. Entre 705 a.C. e 701 a.C., Judá é invadida, mas Jerusalém é poupada.

ENSINAMENTOS

Isaías diz que Jerusalém não foi destruída graças a Javé, mas suas palavras não surtem efeito. O profeta também se coloca contra os abusos cometidos pelos poderosos do reino.

No século 8 a.C., o império assírio empreendeu diversas investidas militares por toda a Palestina. Conquista cidades, deporta à força os conquistados para outras regiões e incendeia casas. Nos últimos anos desse século toda a região estava sob domínio assírio. Quase toda.

Restava um local, talvez o mais importante de todos Jerusalém, capital do reino de Judá, ao Sul. Em 701 a.C. os assírios, equipados com carros de combate e cavaleiros com couraças, colocam-se às portas das muralhas da cidade, cercando-a. Quando tudo levava a crer que a destruição viria em breve. inesperadamente o exército inimigo bate em retirada. Aliviado, o povo sai às ruas para festejar aquilo que acreditava ser um milagre. Apenas uma pessoa não entra na festa, o profeta Isaías: “Não olhem para mim porque choro amargamente e não queiram me consolar”, pronunciou o poeta (Isaías 22,4).

Mesmo tendo sido incompreendido muitas vezes, Isaías teve grande influência em diversos acontecimentos históricos. Ao longo de sua pregação, teve acesso aos grandes sacerdotes e falou diretamente com os reis. Era um homem culto e, segundo algumas teorias, tinha parentes na esfera monárquica. “Às vezes, a ideia que nós temos de um profeta é de alguém que veio do deserto, com roupas meio sujas, cheirando mal”, diz o teólogo Landon Jones, da Faculdade Teológica Batista He São Paulo. “Não foi o caso de Isaías.” **O profeta está entre os que mais deixaram páginas no Antigo Testamento, embora a autoria delas seja atribuída também a outras duas pessoas.** Atualmente, grande parte de sua fama está nos seus vaticínios sobre o nascimento de um príncipe. **Suas palavras foram muito utilizadas pelos cristãos para reforçar a chegada do Messias, Jesus Cristo.** ⁽¹³⁾

É interessante que a maioria dos defensores da inspiração divina dos textos bíblicos parece não saber nada disso que falam sobre o livro de Isaías. Se nem se conhece quem foi o autor de certos trechos, como então o ter como sendo inspirado?

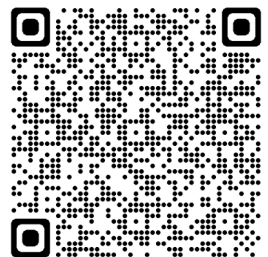
Passagens citadas como realização de algum evento previsto por Isaías

Realizaremos nossa análise por livro do Novo Testamento, pela ordem em que aparecem, evitando, obviamente, repetir passagens de um mesmo relato.

Evangelho de Mateus

O autor do Evangelho de Mateus, seja ele quem for, é o escritor que mais se preocupou em relacionar feitos ou acontecimentos com Jesus a alguma profecia do Antigo Testamento, nem mesmo se deu conta de que algumas delas nem sequer existem.

Pode parecer estranho o “seja ele quem for”, porém, segundo vários exegetas, aqueles que dizem ser os autores dos Evangelhos, não o são. Na verdade, são ilustres desconhecidos. Aos interessados recomendo o ebook ***Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*** ⁽¹⁴⁾.



Em ***Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé***, Elaine Pagels afirma sobre o Evangelho de Mateus:

[...] Hoje, porém, **muitos estudiosos sugerem que a correspondência entre profecia e evento que Mateus descreve mostra que ele às vezes adaptou sua narrativa de modo a adequá-la às profecias.** [...]. ⁽¹⁵⁾

Vejamos, então, as passagens para análise.

Mateus 1,22-23: *“Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: 'Vejam: a virgem conceberá, e dará à luz um filho. Ele será chamado Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco'”.*

Profecia: **Isaías 7,14**: *“Pois saibam que Javé lhes dará um sinal: A jovem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará pelo nome de Emanuel”.*

Na análise dessa passagem, perceberemos que ela não diz respeito a Jesus. Mas, antes, para uma melhor compreensão e para que não pare dúvida alguma, temos que realçar o início desse versículo, já que ele é quase sempre subtraído quando justificam suas interpretações: *“Pois saibam que Javé lhes dará*

um sinal”.

Ora, devemos concluir disso que Deus daria um sinal a alguém; mas, quem e por quê? Para saber as respostas, vamos recorrer às informações em nota de rodapé constantes da ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, sobre esse episódio. Diz lá:

O reino do Norte (Efraim), cujo rei era Faceia, se aliou a Rason, rei de Aram, numa tentativa de se libertar do perigo assírio. Como o reino do Sul (Judá) não participou da coalizão entre o reino do Norte e Aram, estes dois temeram que Judá se tornasse aliado da Assíria; resolveram então atacar o reino do Sul, para destronar o rei Acaz e colocar no seu lugar o filho de Tabeel, rei de Tiro. Acaz teme o cerco e verifica a reserva de água da cidade. Isaías vai ao seu encontro e o tranquiliza, mostrando que não haverá perigo, pois continua válida a promessa de que a dinastia de Davi será perene, desde que se coloque total confiança em Javé. **O sinal prometido a Acaz é o seu próprio filho, do qual a rainha (a jovem) está grávida.** Esse menino que está para nascer é o sinal de que Deus permanece no meio do seu povo (Emanuel = Deus conosco). ⁽¹⁶⁾

Assim, pelo contexto bíblico e confirmado por essa nota, podemos observar que Deus promete um sinal ao rei Acaz e esse sinal é justamente o filho do

rei que está por nascer. Fora disso é distorcer a interpretação do texto.

Além disso o fato é próximo e não uma previsão para um acontecimento num futuro longínquo, já que querem atribuir essa profecia a Jesus. E mais; o nome Jesus significa “Deus é salvação”; obviamente, diferente de Emanuel que quer dizer “Deus está conosco”, que é o nome previsto na profecia, fato que o fanatismo cego não deixa muitos perceberem.

E continuando. No ***Dicionário Bíblico Universal***, na explicação do verbete Emanuel, lemos:

É o nome dado por Isaías a uma futura criança cujo nascimento será, para o rei Acáz, o “sinal” da assistência divina (Is 7,14-17). A interpretação deste oráculo deve estar ligada ao significado do nome e ao alcance que terá na conjuntura daquele momento. O reino de Judá é ameaçado pelos sírios e efraimitas aliados, que querem acertar contas com a dinastia reinante, a mesma dinastia que se beneficia das promessas feitas a Davi. Em vez de recorrer a essas promessas, Acáz apela para a Assíria. Isaías condena este modo de agir e proclama: Deus está presente; ele está “conosco”.

Qual será a criança cujo nascimento será portador de uma mensagem como esta? Como é ao rei, contemporâneo de Isaías, que o sinal será dado, **o nascimento anunciado deve ocorrer proximamente. Será Ezequias** – afirma-se muitas vezes, e com boas razões. Mas esta criança é descrita numa linguagem poético-mítica, concretamente irrealizável. O oráculo abre portanto uma perspectiva que vai além do rei em questão. Graças a este oráculo, os crentes, insatisfeitos com os reis históricos, esperarão por uma personagem que finalmente satisfará a esperança deles. Mateus e os cristãos posteriores a ele reconhecem em Jesus aquele que realiza plenamente o anúncio de Isaías (Mt 1,23). ⁽¹⁷⁾

Vê-se, portanto, que essa profecia realmente não se refere a Jesus, conforme ficou bem claro na explicação. Como não ficaram satisfeitos com Ezequias, a quem se referia esta profecia, foram postergando para uma outra época até que, finalmente, a encaixaram na pessoa de Jesus.

Querem passar por cima do contexto histórico, atropelando os acontecimentos da época, para trazer para os dias de hoje aquilo que eles desejam que os outros acreditem piamente.

Bart D. Ehrman, em ***Como Jesus se Tornou***

Deus, afirma o seguinte:

[...] de acordo com Mateus, o motivo para a mãe de Jesus ser virgem é que isso cumpriria o que fora dito por um porta-voz de Deus há muitos séculos, quando **o profeta Isaías escreveu nas escrituras judaicas: “Uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7:14)**. Mateus cita o verso e o apresenta como motivo para a concepção incomum de Jesus – era para cumprir a profecia (Mt 1:23).

Com frequência, foi observado que **Isaías na verdade não profetiza que o messias nascerá de uma virgem**. Se você lê Isaías em seu contexto literário próprio, fica claro que **o autor não está falando em absoluto do messias. A situação é bem diferente e se passa no século VIII a.C., em uma época de calamidade. Isaías está falando ao rei de Judá, Acáz, que está muito perturbado, e com motivo; os dois reinos ao norte de Judá – Israel e Síria – atacaram a capital, Jerusalém, para forçá-lo a juntar-se a eles em uma aliança contra a Assíria, a potência mundial em ascensão. Ele teme que os dois adversários do norte devastem seu país. Isaías, o profeta, diz a ele que isso não acontecerá. Uma moça (não uma virgem) concebeu e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, que significa “Deus é conosco”**. Que Deus é “com” o povo de Judá ficará evidente, pois, antes que a criança tenha idade suficiente para saber a diferença entre bem e mal, os dois reinos que estão atacando Jerusalém serão dispersos e

os bons tempos estarão de volta para Acáz e sua gente. É a isso que Isaías se refere. ⁽¹⁸⁾

Portanto, temos aí o exegeta Bart D. Ehrman corroborando a interpretação equivocada de Isaías 7,14.

Mas, é muito interessante ver como os segmentos religiosos tradicionais se divergem a respeito da interpretação das passagens bíblicas. Veja, por exemplo, na ***Bíblia Anotada***, o que dizem os protestantes a respeito dessa profecia de Isaías:

O sinal divino para Acáz seria de que **uma virgem** (quando a profecia foi dada, **referia-se provavelmente à mulher, na ocasião virgem, que Isaías tomaria como segunda esposa**, 8:1-4) conceberia um filho, que não teria mais que 12 ou 14 anos antes de Israel e Síria serem capturadas pela Assíria. ⁽¹⁹⁾

Aqui dizem que o filho é de Isaías, não do rei Acáz como é o que se pode retirar da passagem. Por fim, agem como os outros que sempre procuram, mesmo sob pena de serem incoerentes, relacionar determinadas passagens como uma profecia a respeito de Jesus, segundo podemos confirmar na

sequência dessa nota:

A virgem da profecia de Isaías é um tipo de Virgem Maria, que, pelo Espírito Santo, concebeu milagrosamente a Jesus Cristo (veja Mt 1:23). A palavra hebraica aqui traduzida por virgem é encontrada também em Gn 24,43; Ex 2:8; Sl 68:25; Pv 30:19; Ct 1:3; 6:8, e em todas estas passagens significa **uma jovem solteira e casta**. ⁽²⁰⁾

Só que aqui, nos deparamos com um problema. É a questão do significado da palavra hebraica **almah**, para a qual encontramos esta outra explicação: “O termo hebraico '**almah**' designa, quer a donzela, quer uma jovem casada recentemente, sem explicitar mais” ⁽²¹⁾.

Assim, se evidencia que é muito difícil estudar a Bíblia usando somente uma tradução, pouco importando qual seja a denominação religiosa que a tenha editado. Devemos ler várias, para ver se conseguimos entender os textos como eles são e não como querem que os entendamos.

Julio Trebolle Barrera, em ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia***, explicando sobre a versão grega da Septuaginta, nos

informa que:

O fato de os cristãos tomarem como própria a tradução da LXX e de a usarem nas controvérsias como os judeus, conduziu a uma progressiva rejeição desta versão pelos **judeus que acabaram substituindo-a por novas traduções mais fiéis ao texto rabínico**. Um exemplo típico de divergência entre o texto hebraico e o grego, citado em todas as controvérsias entre judeus e cristãos é **Is 7,14, onde a LXX traduz o termo hebraico 'almâ, “jovem (casada ou recém-casada)”, por parthénos, “virgem” em vez do mais apropriado neânis²²**. Os judeus rejeitaram esta tradução da LXX, pois os cristãos viam nela uma profecia do nascimento virginal de Cristo (cf. p. 621). ⁽²³⁾ (itálico do original)

Da página 621, citada por Julio Treballe Barrera, para evitar repetição, transcrevemos somente o que julgamos importante:

[..] O judeu Trifão replica a Justino dizendo que **o sentido da palavra hebraica 'almâ não era o de “virgem”, mas de “uma jovem mulher”, e que a passagem de Isaías referia-se simplesmente ao rei Ezequias e não a um futuro messias cristão**. ⁽²⁴⁾

Um pouco mais à frente, quando trata de “O

texto grego no NT”, Julio Trebolle Barreira, esclarece:

[...] Os tradutores gregos entendiam **perfeitamente o sentido da palavra hebraica 'almâ, traduzida por *parthénos* no sentido de “jovem” e não de “virgem”**. Os cristãos, que criam no nascimento misterioso de Cristo, interpretavam o texto de Is como profecia do nascimento “virginal” do Messias, atribuindo ao termo *parthénos* o significado de “virgem”. ⁽²⁵⁾ (itálico do original)

Quer dizer que os textos são entendidos ou interpretados de acordo com as crenças individuais e não conforme o que significavam à época em que foram escritos. Infelizmente, isso ainda é muito comum nos dias de hoje, quando interpretações de conveniência vêm justificar dogmas instituídos.

Acrescentamos, por oportuno, as explicações de Carlos T. Pastorino (1910-1980) inseridas em ***Sabedoria do Evangelho. Vol. 1:***

A profecia de Isaías afirma que “uma virgem conceberá e dará à luz um filho”. O termo “virgem” merece [ser] estudado.

Em hebraico há duas palavras: *betulân*, que especificava a virgindade como certa; e *almâh* que exprimia uma oposição, sem garanti-la. Ora, **Isaías**

escreve exatamente *almáh*. E verificamos que, em Deut. 22:23, a noiva, e mesmo a esposa recém-casada era chamada *ne'arah betulâh*.

Em grego a palavra *παρθένος* exprime o mesmo: virgem, mas em sentido genérico tanto que as moças noivas e também as recém-casadas eram assim chamadas, e isso na própria Bíblia (cfr. Deut. 22:23; 1Reis 1:2; Ester 2:3). Em todas essas passagens, a palavra *virgem* designa a moça que é dada a alguém para *deitar-se com ele*, supondo-se que se trata de uma virgem, isto é, de moça ainda não ligada pelo casamento a um homem.

A mesma designação é atribuída a Maria, demonstrando que, ao lhe ser dada como noiva, era virgem, o que é natural e normal. **No entanto, em nenhum local dos Evangelhos se diz, nem se supõe, que Maria continuou Virgem depois. Ela era virgem quando concebeu, o que de modo geral ocorre com todas as moças.**

Esses nossos esclarecimentos não visam a diminuir o respeito e a veneração que todos temos pela Mãe Santíssima de Jesus, pois o fato da virgindade nenhuma importância apresenta diante da espiritualidade. ⁽²⁶⁾

Embora os autores Julio Trebolle Barrera e Carlos T. Pastorino diverjam quanto ao termo grego empregado no texto de Isaías, ambos confirmam o significado de *almah*, como sendo uma jovem ou recém-casada, do que se pode compreender que ela

podia ser ou não virgem, ou seja, o termo não é usado para se afirmar sobre a virgindade de alguma mulher.

Vejam os ainda estas outras opiniões:

a) Reza Aslan, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré***:

[...] além das narrativas da infância de Mateus e Lucas, o nascimento virginal não é nunca sequer insinuado por qualquer outra pessoa no Novo Testamento: não o é pelo evangelista João, que apresenta Jesus como um espírito sobrenatural, sem origens terrenas, nem por Paulo, que pensa em Jesus como literalmente Deus encarnado. Essa ausência levou a uma grande dose de especulação entre os estudiosos sobre se a história do nascimento virginal foi inventada para mascarar uma verdade desconfortável sobre a paternidade de Jesus, ou seja, que ele nasceu fora do casamento. ⁽²⁷⁾

b) Jacó Abramovitch Lentsman (1908-1967), ***A Origem do Cristianismo***:

A referência à profecia de Isaías é também estropiada. A passagem citada encontra-se efetivamente no livro desse profeta (VII, 14), mas, no contexto, ela não anuncia a vinda do Messias. A

palavra hebraica *alma* nessa passagem significa “mulher jovem”, e não «virgem». E Isaías nada diz aí sobre o Messias: “Mas, antes que o menino saiba rejeitar o mal, e escolher o bem, o país do qual tu temes os dois reis será abandonado”. (*Isaías*, VII, 16). **Isaías não atribui nada de sobrenatural ao seu nascimento, ele prediz que a criança verá a luz em uma época que precede de sete séculos a data dos evangelhos e diz, aliás, que o hão de chamar de Emanuel.** Para eliminar esta contradição, Mateus pretende que um anjo visto em sonho por José lhe ordenou que desse ao menino o nome de Jesus, que quer dizer em hebreu “Deus Salvador”.

Portanto, nada neste capítulo pode servir para confirmar a historicidade de Jesus. Ao contrário, sua genealogia, a concepção imaculada, **a citação de Isaías**, o anjo que apareceu a José, **demonstram que Mateus procurou, bastante desajeitadamente aliás, juntar as profecias sobre o Messias, e os elementos dos cultos orientais**, o que nos permite discernir facilmente as partes constitutivas do mito de Jesus. ⁽²⁸⁾

c) James D. Tabor, ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo.***

Mateus faz também referência a um antigo adágio do profeta Isaías: “eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel” - como se dissesse que a gravidez de Maria era a realização dessa profecia (Isaías

7:14. ⁽²⁹⁾. **Mas Isaías faz referência a uma criança que deveria nascer na sua própria época, no século VIII a.C., cujo nascimento seria um sinal para o rei Ahaz, ⁽³⁰⁾ que então governava. A palavra hebraica (*almah*) que Mateus traduz por “virgem”, em sua versão grega, significa “jovem mulher” ou “donzela”, sem introduzir qualquer implicação miraculosa. (21). A criança receberia o nome pouco comum de Emanuel, que significa “Deus conosco”, e Isaías garante ao rei Ahaz que, antes que essa criança tenha idade suficiente para distinguir “o bem do mal”, os assírios que ameaçavam Jerusalém e a Judeia seriam removidos da face da terra. Ahaz não teria que esperar muito tempo. **Mateus infere que a profecia de Isaías foi “realizada” pelo miraculoso nascimento virgem de Jesus – o que claramente não é o sentido do texto original.****

(21) A tradução grega da Bíblia hebraica, conhecida com Septuaginta ou LXX, usou a palavra *parthenos* em Isaías 7:14. **Significa “virgem”, porém o sentido evidente do contexto não é o de uma mulher que engravida sem nenhum homem, mas de uma menina virgem que nunca fez sexo ficando grávida.** Este bebê singular não nasceria de uma mulher que já teve filhos, mas de uma que era virgem quando ficou grávida. Como Mateus escreveu em grego e está citando Isaías, ele também usa a palavra *parthenos*. Quanto a Versão Revisada do Antigo Testamento foi publicada, em 1952, os tradutores empregaram corretamente o termo “jovem”, em vez do tradicional “virgem”, em Isaías 7:14. A tradução foi denunciada por muitos cristãos fundamentalistas como uma tentativa comunista

diabólica de solapar a fé no “nascimento virgem de Cristo”.⁽³¹⁾

Usaremos como padrão para todas as notas das fontes que ajudarem no entendimento da transcrição elas ficarão após o texto, as outras serão inseridas como notas de rodapé.

d) Karen Armstrong, em **A Bíblia: Uma Biografia**:

Durante esses anos sombrios Isaías fora conformado pelo nascimento iminente de um bebê real, indício de que Deus ainda estava com a casa de Davi. “Uma jovem (almah) está grávida e logo dará à luz um filho que se chamará Immanu-El (Deus-conosco)”⁽³²⁾ Seu nascimento seria ainda uma fonte de esperança, “uma grande luz”, para o traumatizado povo do norte, que “caminhava nas trevas” e na “profunda escuridão”.⁽³³⁾ **Quando o bebê nasceu, foi de fato chamado Ezequias**, e Isaías imaginou toda a Assembleia Divina celebrando a criança real, que, como todos os reis davídicos, se tornaria uma pessoa divina e um membro do conselho celeste: no dia de sua coroação, ele seria chamado de “Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz!”.⁽³⁴⁾⁽³⁵⁾

e) Sam Harris, em **A Morte da Fé: Religião**,

Terror e o Futuro da Razão:

[...] Não há nenhuma evidência, a não ser nos tendenciosos escritos da Igreja surgidos depois, de que Jesus jamais tenha se considerado outra coisa a não ser um judeu entre judeu, buscando a realização do judaísmo – e, provavelmente, o retorno da soberania judaica no mundo romano. Como muitos autores já observaram, as diferentes linhagens de profecias hebraicas que foram forçadas a coincidir com o ministério de Jesus revelam a defesa da doutrina cristã, e muitas vezes a má formação cultural dos autores dos Evangelhos.

Para moldar a vida de Jesus conforme as profecias do Velho Testamento, os autores dos evangelhos de Lucas e Mateus, por exemplo, insistem que Maria o concebeu virgem (*parthenos* em grego), em referência à versão em grego de Isaías 7,14. Infelizmente para os que gostam da ideia da virgindade de Maria, a palavra hebraica *almá* (para a qual *parthenos* é uma tradução errônea) significa simplesmente “mulher jovem”, sem qualquer implicação de virgindade. Parece quase certo que o dogma cristão do parto virgem, e boa parte da ansiedade resultante a respeito do sexo tenham resultado de uma tradução do original hebraico. ⁽³⁶⁾

Outro golpe contra a doutrina do parto virgem é que os outros evangelistas, Marcos e João, parecem não saber nada a respeito disso – embora ambos se mostrem perturbados com as acusações de ilegitimidade de Jesus. ⁽³⁷⁾ Aparentemente,

Paulo acredita que Jesus era filho de José e Maria, e refere que Jesus “nasceu da semente de Davi segundo a carne” (Romanos 1,3 – ou seja, José era seu pai), e “nascido de mulher” (Gálatas 4,4 – significando que Jesus era realmente humano), sem referência alguma à virgindade de Maria. ⁽³⁸⁾.
⁽³⁹⁾

Confirma-se, portanto, que não se trata de profecia a respeito de Jesus, mas de algo que aconteceu no século VIII a.C. Desse último autor, transcrevemos ainda esta frase que ele cita de Christopher Hitchens (1949-2011), que vem bem a calhar: “O que pode ser afirmado sem provas também pode ser descartado sem provas”. ⁽⁴⁰⁾

É oportuno trazermos o que Geza Vermes (1924-2013), em seu livro **Natividade**, aborda sobre a concepção virginal e a profecia de Isaías; leiamos:

A concepção virginal em Mateus e a profecia de Isaías

Até aqui, Mateus contou uma história desconcertante. A não ser pela alusão a algum tipo de envolvimento do **Espírito Santo, uma expressão para designar o poder através do qual Deus age no mundo**, o anjo do sonho não esclarece como Maria engravidou. O evangelista então intervém e lança uma nova luz sobre a

questão valendo-se de uma profecia do Antigo Testamento, segundo a qual uma virgem virá a dar à luz o Salvador do povo judeu. Na versão do Evangelho para as palavras de Isaías, diz a profecia: “Eis que a *Virgem* conceberá e dará à luz um filho que se chamará *Emanuel*, que significa ‘Deus conosco’” (Isaías 7,14, em Mt 1,23).

Este é o primeiro texto bíblico apresentado como prova por Mateus em sua narrativa da infância. Em Lucas não há nenhum. Mas **esse testemunho profético**, cujo objetivo é anunciar uma gravidez milagrosa ou concepção virginal, **só é eficaz sob uma condição: ele funciona apenas se for seguida a versão da Septuaginta grega para Isaías 7,14, destinada a um público grecófono e interpretada como os leitores gregos o entenderiam**. Como se sabe, a forma que subsistiu do Evangelho de Mateus é a grega e, como tal, seu alvo era obviamente um público grego. Contudo, o público original para o qual a tradição da narrativa do nascimento de Jesus foi desenvolvida era de judeus palestinos e o idioma em que foi inicialmente transmitida seria o aramaico ou, possivelmente, o hebraico, *não* o grego. Também é evidente que para esses palestinos, em sua maioria judeus da Galileia, o texto de Isaías teria sido extraído da Bíblia hebraica, *não* da Septuaginta grega.

O que nos deixa em um verdadeiro dilema. Para aludir à mulher que virá a conceber e dar à luz um filho, Isaías 7,14 em hebraico não se refere a uma *virgem*, ou *betulah* em hebraico, mas a uma *'almah*, isto é, “uma jovem mulher”: termo neutro

que não implica necessariamente virgindade. Por exemplo, no Cântico dos Cânticos 6,8 o termo “jovens mulheres” (*'alamot*) aparece em paralelo com “rainhas e concubinas”, que seguramente não são virgens. Ademais, é muito improvável que a *'almah* mencionada em Isaías 7, a jovem que no futuro próximo há de conceber e dar à luz um filho, seja virgem. O contexto sugere que ela já é casada, e esposa do então rei judeu, Acaz, ao fim do século VIII a.C.

Quando fala em *'almah*, o texto hebraico de Isaías em lugar algum especifica que ela ainda é virgem ou que está prevista uma concepção milagrosa de qualquer tipo. O sinal profético em Isaías 7,14, em hebraico, está não na condição virginal da mãe, mas no significado do nome que ela deverá dar a seu filho - “Emanuel” - sugerindo que o futuro príncipe, em conformidade com o bom augúrio expresso no nome, “Deus conosco” trará proteção divina aos habitantes de Jerusalém, naquela época sob ameaça de dois reis inimigos que sitiavam a cidade (ver Isaías 7,16). Considerando tudo isso, a conclusão a que se chega é que o relato semita subjacente à versão grega de Mateus que conhecemos de forma alguma poderia conter uma previsão da concepção *virginal* do Messias.

Como então esta noção entrou no Evangelho da Infância, de Mateus? Por puro acidente, o tradutor da Septuaginta usou para o termo hebraico *'almah* de Isaías 7,14 a palavra grega *parthenos* (virgem), que, no entanto, pode também significar solteira ou mulher não-casada que não seja necessariamente

virgem. O Mateus “grego” ou o editor grego do Mateus semita topou com essa tradução imprecisa e a adotou. Esse feliz achado permitiu-lhe apresentar a seus leitores de fala grega a concepção de Jesus como única e situada em posição muito superior a todas as outras concepções milagrosas do Antigo Testamento.

Existe uma prova incontestável de que uma proporção substancial do público visado pelo texto final de Mateus era composta por gregos, que não tinham conhecimento do hebraico. Em Mateus 1,23, o nome hebraico “Emanuel” na citação de Isaías é apresentado com uma tradução para explicar seu significado: “Deus conosco”. Como se sabe, o original hebraico de Isaías não inclui tal interpretação e, o que é mais importante, ela também não consta da tradução grega da Septuaginta. Os judeus da diáspora, para quem a Septuaginta foi produzida, supostamente deveriam saber o que significava Emanuel. O comentário grego a essa citação em Mateus - “que significa Deus conosco” - é obviamente criação do próprio evangelista, para auxiliar seus leitores gregos não-judeus. Assim, aplicada a Maria, a profecia de Isaías em sua versão grega destinava-se a transmitir ao público grego da narrativa mateana da infância que “Jesus-Emanuel” ou “o Messias-Filho de Deus” seria concebido através do Espírito Santo e milagrosamente gerado por Maria *na condição* de virgem.

O Mateus grego, conseqüentemente, afirma que a concepção virginal é demonstrada pela citação de Isaías. No entanto, o argumento do evangelista

está invertido. Ele quer que seu leitor entenda que o evento representa o cumprimento da profecia; em outras palavras, que a concepção de Jesus por Maria ocorreu porque, de acordo com Isaías, assim estava predestinada por Deus. A verdade é bem o contrário: a ideia da “*parthenos* que concebe”, fornecida pela profecia, é que motivou a história. Foi o texto grego de Isaías 7,14 que proporcionou a Mateus uma fórmula surpreendente para exprimir o caráter milagroso do nascimento de Jesus, como o cumprimento de uma previsão das escrituras.

Repetindo pela última vez, **a concepção virginal é uma extrapolação das palavras da Septuaginta, fazendo uso de material histórico, apresentada a, e compreendida por, leitores cristãos gentios helenistas do Evangelho de Mateus. A história do nascimento de Jesus, contada em aramaico ou hebraico e citando Isaías em hebraico, jamais poderia ter dado origem a tal interpretação.** Mas em grego, em combinação com a exegese literal do nome “Emanuel = Deus conosco” tornou-se a fonte da qual surgiu o conceito do Filho divino de mãe virgem. É preciso reiterar, mesmo que seja *ad nauseam*, que tal evolução somente foi possível em um meio cultural helenístico grecófono. Os antecedentes ideológicos da mitologia greco-romana e as lendas sobre a origem divina de figuras eminentes da época e de um passado recente (ver Capítulo 4) propiciaram um campo fértil para o crescimento do que viria a ser, no jargão teológico cristão, a *Cristologia*. Com o tempo, através de Paulo, de João e dos filosofantes Padres da Igreja gregos, essa ideia

original evoluiu para a deificação de Jesus, Filho da Virgem grávida de Deus (*Theotokos*).

Também é possível contestar que a ideia da concepção virginal inferida no texto de Mateus, com seu uso da versão da Septuaginta para Isaías, era de origem cristã-gentia helenística, pela posição adotada pelo antigo cristianismo judaico sobre o assunto. Facetas importantes da doutrina desses cristãos-judeus, conhecidos como os ebionitas ou os Pobres, foram preservadas nos escritos dos apologistas da Igreja, que procuravam refutá-las. Sob a denominação de ebionitas, devemos entender comunidades cristãs-judaicas que, após sua separação da Igreja cristã-gentia central, provavelmente na virada do século I d.C., sobreviveram ainda por mais duzentos ou trezentos anos. Através do Padre da Igreja Irineu, do fim do século II, que foi bispo de Lião, e do historiador da Igreja Eusébio de Cesareia, do século IV, sabemos que os ebionitas rejeitavam a doutrina do nascimento virgem. **Eusébio deixa claro que, para eles, Jesus era “o filho de uma união normal entre um homem e Maria”** (*História Eclesiástica* 3,27). Irineu anteriormente havia argumentado, usando frases emprestadas do Novo Testamento, que os ebionitas “se recusavam a entender que o Espírito Santo havia vindo a Maria e que o poder do Altíssimo a havia envolvido com sua sombra” (*Contra as Heresias*, 5,1, 3). Ele explicava ainda que a fim de sustentar seus ensinamentos e “puxar o tapete” da ortodoxia cristã, os ebionitas defendiam a versão grega de Teodósio e Aquila como mais correta do que a Septuaginta, e substituíram o *parthenos* (virgem)

desta última pelo termo *neanis* (jovem mulher) em sua tradução de Isaías 7,14 (*ibid.* 3,21, 1). Na opinião deles, a prova de que a Septuaginta não era confiável representava o fim da doutrina de Mateus e da Igreja cristã a respeito de concepção virginal.

Com efeito, a (*almah* do Isaías hebraico e o correspondente *neanis* de Aquila e Teodósio revelam a fragilidade da ideia do nascimento virgem, conforme concebida pelo Mateus grego. Sua adoção pelo evangelista (ou por seu editor final) tornou inevitável a revisão da formulação direta da genealogia (A gerou B etc.), com vistas a excluir a paternidade de José; e tem também o efeito imprevisto de prejudicar a prova montada para autenticar a legitimidade de Jesus como Messias descendente direto de Davi, através de José. ⁽⁴¹⁾

Em James D. Tabor, na obra ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, lemos informações bem interessantes a respeito da virgindade de Maria, que merecem ser transcritas:

[...] É fácil imaginar que os cristãos primitivos acreditavam em Jesus e o queriam tão louvado e celestial quanto qualquer dos heróis e deuses gregos e romanos, e **se apropriaram dessa maneira de contar a história do seu nascimento**

como uma maneira de afirmar que Jesus era ao mesmo tempo humano e divino. Os intérpretes modernos, que adotam essa abordagem para as histórias, afirmam habitualmente que José era provavelmente o pai, e que esses relatos sobrenaturais eram inventados pelos discípulos de Jesus para atribuir-lhe honras e promover seu status elevado de uma maneira comum a essa cultura. ⁽⁴²⁾

[...] **O ensinamento sobre a “virgindade perpétua” simplesmente não é encontrado no Novo Testamento** e não faz parte dos primeiros credos cristãos. A primeira menção oficial a essa ideia só vem a partir de 374 d.C., com o teólogo cristão Epifânio. (3) A maior parte dos escritos cristãos primitivos anteriores ao século IV d.C. Aceita naturalmente que os irmãos e irmãs de Jesus sejam filhos nascidos de José e Maria.⁽⁴³⁾

(3) **A ideia da virgindade perpétua de Maria foi afirmada no 2º Concílio de Constantinopla, em 553 d.C. e no Concílio de Latrão, em 649.** Embora seja uma parte do dogma católico solidamente estabelecida, nunca foi, no entanto, objeto de uma declaração de infalibilidade pela Igreja Católica Romana. ⁽⁴⁴⁾

A própria disciplina dos historiadores os obriga a trabalhar dentro dos parâmetros de uma visão científica da realidade. **As mulheres nunca engravidam sem um homem.** Portanto, Jesus tinha um pai humano, quer consigamos identificá-lo, quer não. Os corpos mortos não ressuscitam – se considerados clinicamente mortos – como fora

seguramente o caso de Jesus depois da crucificação romana e de três dias em uma tumba. Portanto, se a tumba estava vazia, **a conclusão histórica é simples – o corpo de Jesus fora removido por alguém e possivelmente sepultado em outro local.** Os historiadores podem se referir ao que foi dito por Paulo ou aos relatórios sobre as aparições que circulavam na altura em que os evangelhos foram escritos, mas **esses escritos, feitos décadas depois do acontecimento, testemunham mais o desenvolvimento das crenças teológicas do que o que teria acontecido.** Alguns estudiosos questionaram a veracidade histórica da própria história da tumba vazia, argumentando ter sido desenvolvida para sustentar a alegação teológica de que Jesus tinha sido ressuscitado dos mortos. **Mas dada a natureza apressada e temporária do sepultamento de Jesus, era de esperar que a tumba estivesse vazia.** Nunca houve a intenção de que Jesus permanecesse naquela tumba. A questão que se põe é: o que aconteceu com seu corpo? Onde e por quem poderia ter sido sepultado permanentemente? A resposta mais curta é que não sabemos, e qualquer sugestão é especulativa. Mas temos, ainda assim, algumas pistas em nossas fontes que nos permitem reconstruir algumas possibilidades plausíveis.

Existem algumas histórias alternativas aos evangelhos do nosso Novo Testamento. Tertuliano, um autor cristão do século III, nos fala de uma polêmica em voga nessa época: o corpo de Jesus fora removido pelo jardineiro do cemitério, que temia ver suas plantas pisoteadas pelas multidões

em visita à tumba.⁽⁴⁵⁾ Em um antigo texto medieval chamado *Toledot Yeshu*, o jardineiro leva o corpo e o sepulta em um riacho próximo, temendo que os discípulos se antecipassem e levassem o corpo, alegando que ele havia sido ressuscitado dos mortos. Há um texto copta do século VI d.C. que até nos diz o nome do jardineiro, Filógenes. Nessa versão, o jardineiro planeja levar o corpo para sepultá-lo condignamente, mas, à meia-noite, quando fora buscá-lo, a tumba estava rodeada de anjos e ele testemunhara Jesus ressuscitando dos mortos.⁽⁴⁶⁾ Todas essas histórias sobre um jardineiro parecem ser embelezamento ao evangelho de João, em que Maria de Madalena, confundindo Jesus com o jardineiro, ao encontrá-lo na tumba, pergunta-lhe: “Se fosse tudo que o tiraste, dize-me onde o puseste” (João 20:15).⁽⁴⁷⁾

Mulheres virgens se engravidando de deuses, somente se vê isso na mitologia antiga, onde é coisa comum. Edward Carpenter (1844-1929), em ***Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*** e Juan Arias, em ***Jesus Esse Grande Desconhecido***, nos trazem curiosas observações, quanto ao tema, vejamos:

Mas quase mais notável que a crença mundial nos salvadores é a lenda igualmente difundida de que eles nasceram de Mães-Virgens. **Não há quase nenhum deus** – como já tivemos a

oportunidade de ver – **que seja adorado como um benfeitor da humanidade nos quatro continentes, Europa, Ásia, África e América – que não tenha nascido de uma Virgem, ou pelo menos de uma mãe que atribuísse a concepção não a um pai humano, mas sim ao céu.** E isso parece, à primeira vista, o mais surpreendente, porque acreditar em tal possibilidade é muito absurdo para nossa mente moderna. Tanto que, enquanto pareceria natural que tal lenda tivesse se espalhado espontaneamente em alguma parte incivilizada do mundo, achamos difícil entender como, nesse caso, teria se espalhado tão rapidamente por todas as partes, ou – se não se espalhou – como podemos explicar seu surgimento *espontâneo* em todas essas regiões. ⁽⁴⁸⁾

E se Jesus fosse apenas um mito construído com elementos das escatologias egípcias? É o que sustentaram, até o final do século XIX, não poucos mitólogos, como Albert Churchward e Joseph Welles. Os defensores da teoria mítica pensam que se tentou incorporar ao personagem Jesus – que não teria existido realmente – elementos de outros deuses ou personagens religiosos mitológicos de séculos anteriores a ele.

Para esses autores, **há coincidências interessantes entre o Jesus que os cristãos apresentam e os personagens e deuses anteriores**, como Hórus, do Egito; Mitra, da Pérsia; e Krishna, da Índia. Todos nascem de uma virgem. Hórus e Mitra também nascem em 25 de dezembro. **Todos fizeram milagres, todos tiveram 12 discípulos que corresponderiam aos**

12 signos do zodíaco, todos ressuscitaram e subiram aos céus depois de morrer. Hórus e Mitra foram chamados Messias, Redentores e Filhos de Deus. Krishna foi considerado a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade e foi perseguido por um tirano que matou milhares de crianças inocentes. Além disso, Krishna também se transfigurou, como Jesus, diante de seus três discípulos preferidos, foi crucificado e subiu aos céus. Exatamente como o profeta de Nazaré. Os mitólogos se perguntam: “Precisamos de mais coincidências?”.

Os adversários da historicidade do cristianismo e defensores do Jesus mítico acreditam que muito do que aparece nos evangelhos não passa de tradução judaica de mitos egípcios. Assim, por exemplo, na ressurreição de Lázaro (um dos episódios dos evangelhos a que se atribui menos credibilidade histórica) tratou-se de aplicar a Jesus a história da múmia de Al-Azar-us, do mito egípcio de Hórus, que ocorreu mil anos antes do nascimento de Jesus.

Na mesma linha, como o inimigo de Hórus era Sata, deduz-se que daí teria vindo a teoria de satanás e dos demônios contida nos evangelhos. Hórus, assim como Jesus mil anos depois, também lutou no deserto, durante quarenta dias, contra as tentações de Sata, numa luta simbólica entre a luz e a escuridão.

O fato é que certas coisas que os evangelhos contam acerca de Jesus – justamente as que têm menos credibilidade histórica – se prestam para alimentar a teoria de que Jesus é apenas fruto de

uma continuação de deuses míticos da antiguidade. (49)

Edward Carpenter lista também vinte e uma semelhanças da história de Jesus com histórias antigas de deuses, o que não deixa de ser algo surpreendente; vejamos o que ele diz em ***Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados***:

Na época em que viveu ou surgiu Jesus de Nazaré, e alguns séculos antes dele, o mundo mediterrâneo e as vizinhanças foi o cenário de um grande número de rituais e crenças pagãs. Havia inúmeros templos dedicados a deuses como **Apolo ou Dionísio** entre os gregos, **Hércules** entre os romanos, **Mithra** entre os persas, **Adônis e Attis**, na Síria e Phrygia, **Osíris, Ísis e Horus** no Egito, **Baal e Astarte** entre os babilônios e cartagineses, e assim por diante.

As sociedades, grandes ou pequenas, os crentes unidos e devotos ao serviço ou cerimônias conectavam-se com suas respectivas divindades e às crenças nas quais eles confessavam, relacionadas a essas divindades. E um fato extraordinariamente interessante para nós é que, apesar das grandes distâncias geográficas e diferenças raciais entre os adeptos desses diversos cultos, assim como as diferenças nos detalhes de seus serviços, as marcas gerais de suas crenças e cerimônias eram – se não idênticas

– muito parecidas.

É claro que não posso me estender a respeito desses diferentes cultos, mas posso dizer que, **de todas ou quase todas as divindades acima mencionadas, se dizia e se acreditava que:**

1. Nasceram no dia ou em um muito próximo ao nosso dia de Natal.

2. Nasceram de uma mãe virgem.

3. Nasceram em uma caverna ou câmara subterrânea.

4. Viveram uma vida de dedicação à humanidade.

5. Eram chamados pelos nomes de Iluminado, Curador, Mediador, Salvador e Provedor.

6. No entanto, foram derrotados pelos poderes da Escuridão.

7. Foram para o Inferno.

8. Ressuscitaram dos mortos e tornaram-se os pioneiros da raça humana no mundo dos céus.

9. Fundaram comunidades de santos e Igrejas nas quais as disciplinas eram recebidas pelo batismo.

10. Eram celebrados em eucaristia.

Darei alguns rápidos exemplos:

Mithra nasceu em uma caverna, no dia 25 de dezembro.

O banquete do nascimento de Mithra era feito em Roma no oitavo dia antes das Calendas de Janeiro, sendo também o dia dos jogos

circassianos, que eram consagrados ao Sol.⁽⁵⁰⁾

Nasceu de uma virgem⁽⁵¹⁾. Viajou muito e para vários lugares como Mestre e guia dos homens.

Sacrificou o Touro, símbolo do produto da terra que a luz do Sol dá. Suas grandes celebrações aconteciam no Solstício de Inverno e no Equinócio da Primavera (Natal e Páscoa).

Tinha doze seguidores ou discípulos (os doze meses).

Foi enterrado em um túmulo, do qual ressuscitou; e sua ressurreição era celebrada anualmente com grandes festejos.

Era chamado de Salvador e Mediador, às vezes era visto como um Cordeiro; banquetes de celebração eram oferecidos por seus seguidores em sua memória.

Esta lenda é aparente e parcialmente astronômica e em parte vegetacional; e o mesmo pode ser dito a respeito de Osíris.

Osíris nasceu, como Plutarco nos conta, no 361º dia do ano, ou seja, em 27 de dezembro. Ele também, como Mithra e Dionísio, era um grande viajante. Como rei do Egito, ele ensinou as artes civis aos homens e “os domou pela música e pela gentileza, e não com o uso de armas”⁽⁵²⁾.

Descobriu o milho e o vinho. Mas foi traído por Tifão, o poder da escuridão, assassinado e esquartejado. Plutarco conta: “Isso aconteceu no décimo sétimo dia do mês Athyr, quando o Sol adentra em Escorpião” (o signo do zodíaco que indica a chegada do inverno).

Seu corpo foi colocado em uma caixa, mas depois, no décimo nono dia, ressuscitou, e, nos cultos a Mithra, Dionísio, Adônis e outros, assim como no culto a Osíris, uma imagem dentro de um caixão é mostrada diante dos pregadores e recebida com gritos de “Osíris ressuscitou”.

Seus sofrimentos, sua morte e ressurreição eram encenadas ano após ano em um grande espetáculo e Abidos⁽⁵³⁾.

As duas lendas a seguir têm um caráter mais distinto de mitos da vegetação.

Adônis ou Tamuz, o deus sírio da vegetação, era um jovem muito belo, nascido de uma virgem (Natureza) e tão belo que Vênus e Perséfone (a deusa da Terra) apaixonaram-se por ele.

Para satisfazer a vontade das duas, ficou estabelecido que ele passaria metade do ano (o verão) com uma, na Terra, e a outra metade (o inverno), com a outra, no Inferno.

Foi morto por um javali (Tifão) no outono. E todos os anos as donzelas “choravam por Adônis”⁽⁵⁴⁾.

Na primavera uma celebração de ressurreição acontecia – as mulheres saíam à sua procura; quando encontravam seu corpo o colocavam (uma imagem de madeira) em um caixão ou tronco de árvore oco e faziam rituais selvagens e lamentações, seguidos por festejos por sua ressurreição.

Em Aphaca, ao Norte da Síria, e entre Byblus e Baalbec, havia um famoso túmulo e templo de

Astarte, perto do qual havia um vale romântico e cheio de árvores, o local do nascimento de um certo rio Adônís – a água saindo de uma caverna, sob enormes penhascos. Ali (diziam) todos os anos um jovem Adônís era novamente ferido mortalmente, e a água do rio tornava-se vermelha por causa de seu sangue, enquanto uma anêmona vermelha crescia entre os cedros e as noqueiras⁽⁵⁵⁾.

A história de **Attis** é muito parecida. Ele era um jovem pastor ou boiadeiro na Frígia, consorte de Cibele (ou Dernéter) a mãe dos deuses.

Nasceu de uma virgem – Nana – que engravidou colocando uma amêndoa em seu seio.

Foi morto por um javali, o símbolo do inverno, como Adônís ou por ter praticado a automutilação (como seus padres) e sangrado até a morte, aos pés de um pinheiro (o pinheiro e a pinha são símbolos da fertilidade).

O sacrifício de seu sangue renovou a fertilidade na terra, e no ritual de celebração de sua morte e ressurreição sua imagem era presa ao tronco de um pinheiro (compare com a crucificação). Mas voltarei a essa lenda. A adoração de Attis tornou-se muito difundida e respeitada, e incorporou-se à religião estabelecida em Roma no princípio de nossa era.

As duas lendas a seguir (lidando com Hércules e com Krishna) têm muito mais do mito solar do que do vegetal. Os dois heróis eram vistos como grandes benfeitores da humanidade; o primeiro mais no plano material, e o segundo no espiritual.

Hércules ou Héracles era, como outros deuses do Sol e benfeitores da humanidade, o grande Viajante. Era conhecido em muitas terras e em todas as partes era invocado como o Salvador.

Foi milagrosamente concebido por um Pai divino; quando ainda era bebê estrangulou duas serpentes que haviam sido mandadas para matá-lo.

Seus vários trabalhos para o bem do mundo foram separados em doze, simbolizados pelos signos do zodíaco. Matou o leão de Nemeia e de Hidra (cria de Tifão) e o Javali. Derrotou a Corça e limpou os currais Augianos; venceu a Morte e, descendo até Hades, trouxe Cérbero e subiu de volta ao céu. Foi acompanhado pela gratidão e as orações dos mortais.

Quanto a **Krishna**, o deus da Índia, as coincidências com as divindades citadas anteriormente são muito grandes para não serem percebidas e muito numerosas para serem completamente gravadas.

Ele também nasceu de uma virgem (Devaki) em uma manjedoura⁽⁵⁶⁾ e seu nascimento foi anunciado por uma estrela. Queriam matá-lo e um massacre de crianças foi ordenado.

Em todas as partes ele executou milagres, ressuscitando os mortos, curando os leprosos, os surdos e os mudos, e ajudando os pobres e oprimidos.

Tinha um discípulo, Arjuna (cf. João), diante de quem se transfigurou⁽⁵⁷⁾.

Sua morte foi narrada de modos diferentes – levou uma flechada ou foi crucificado em uma árvore. Foi para o Inferno e ressuscitou dos mortos, subindo ao céu perante muitas pessoas. Voltará no último dia para ser o juiz dos vivos e dos mortos.

Essas são as lendas envolvendo as divindades pagãs e pré-cristãs – explicadas rapidamente agora, para termos uma ideia realista do assunto; mas, devo falar com mais detalhes sobre a maioria delas.

O que podemos perceber claramente, até agora, são dois pontos; por um lado a semelhança dessas histórias com a de Jesus Cristo; e, por outro, a analogia que fazem com os principais fenômenos da Natureza como ilustradas pelo percurso do Sol no céu e as mudanças da vegetação na Terra.

O primeiro ponto mencionado, **a semelhança dessas lendas pagãs antigas e suas crenças, com as tradições cristãs, era de fato tão grande que chamava a atenção e causava a ira dos primeiros padres cristãos.** Eles não tinham dúvidas a respeito das semelhanças, mas, sem saber como explicá-las, voltavam-se para a inocente teoria de que o Demônio – para confundir os cristãos – tinha, séculos antes, feito os pagãos adotarem certas crenças e práticas! (Muito ardiloso, da parte do Demônio, devemos dizer, mas também bastante inocente da parte dos padres por acreditarem nisso!). Justin Martyr, por exemplo, descreve⁽⁵⁸⁾ a instituição da Ceia do Senhor como narrada nos evangelhos, e continua dizendo: “os demônios imitaram os mistérios de Mithra,

mandando que as mesmas coisas fossem feitas. Aquele pão e copo d'água são colocados com certos encantamentos nos ritos místicos de alguém que está sendo iniciado que vocês sabem ou podem aprender”. Tertuliano também diz que⁽⁵⁹⁾ “o demônio pelos mistérios de seus ídolos imita até mesmo a parte principal dos mistérios divinos”... “Ele batiza seus adoradores com água e faz que eles acreditem que tal ritual os livra de seus pecados”... “Mithra faz sua marca na testa de seus soldados; celebra a oblação do pão; mostra uma imagem da ressurreição e apresenta a coroa e a espada de uma só vez; impõe o limite de apenas um casamento a seu padre principal; tem até suas virgens e seus beatos”⁽⁶⁰⁾ Cortez, também, será lembrado, reclamava que o demônio ensinara positivamente aos mexicanos as mesmas coisas que Deus ensinara aos cristãos.

Justin Martyr, em *Dialogue with Trypho*, diz que o nascimento na manjedoura era o protótipo do nascimento de Mithra na caverna de Zoroastrianismo; e diz que Cristo nasceu quando o Sol nasce no Estábulo Augiano⁽⁶¹⁾, vindo como um segundo Hércules para purificar um mundo errante; e Santo Agostinho diz “nós temos esse dia (o Natal) como sagrado, não como os pagãos, por causa do nascimento do Sol, mas por causa do nascimento Dele, que o criou”. Há muitas outras frases dos primeiros padres com suas atribuições revoltadas a respeito das semelhanças ao trabalho do mal; mas não precisamos nos aprofundar nelas. Nós não precisamos nos revoltar. Pelo contrário, podemos ver agora que essas fortes críticas dos escritores cristãos são a prova de como e até que

ponto na expansão do Cristianismo no mundo ele havia se tornado fundido com os cultos pagãos existentes anteriormente.

Apenas no ano 530 d.C. – cinco séculos depois do suposto nascimento de Cristo – que o monge Dionysius Exiguus, um abade e astrônomo de Roma, recebeu a tarefa de estabelecer o dia e o ano daquele nascimento. Um grande problema, levando-se em consideração a ciência histórica da época! Para o ano ele colocou a data que agora usamos⁽⁶²⁾. e para o dia e mês ele escolheu 25 de dezembro – uma data popular desde 350 a.C., e a mesma data, com uma diferença de um dia ou dois, do suposto nascimento dos antigos deuses do Sol⁽⁶³⁾. ⁽⁶⁴⁾

A história de Jesus, como vemos, tem muita semelhança com as histórias dos antigos deuses Sol e com o percurso atual do Sol nos céus – tantas coincidências, que não podem ser atribuídas à mera coincidência ou até mesmo a blasfêmias do Demônio! **Vamos enumerar algumas delas.** Há (1) o nascimento da Virgem; (2) o nascimento na manjedoura (caverna ou câmara subterrânea); e (3) em 25 de dezembro (logo depois do Solstício de Inverno). Há (4) a Estrela do Leste (Sírio) e (5) a chegada dos magos (os “Três Reis”); há (6) o Massacre dos Inocentes, e o voo para um país distante (dito também de Krishna e outros deuses Sol). Há os festivais da Igreja de (7) Candelária (2 de fevereiro), com procissões das velas para simbolizar a luz crescente; há (8) a Quaresma, ou a chegada da primavera; há o (9) dia de Páscoa (normalmente

em 25 de março) para celebrar a travessia do Equador pelo Sol; e (10) simultaneamente a explosão de luzes no Sepulcro Sagrado em Jerusalém. Há (11) a Crucificação e a Morte do carneiro-deus, na sexta-feira santa, três dias antes da Páscoa; há (12) a prisão feita com pregos em uma árvore, (13) o túmulo vazio, (14) a Ressurreição (nos casos de Osíris, Attis e outros); há (15) os doze discípulos (os signos do Zodíaco); e (16) a traição de um dos doze. Depois, há (17) o Dia do Meio do Verão, o dia 24 de junho, dedicado ao nascimento de João Batista, e correspondente ao dia de Natal; há as festas da (18) Assunção da Virgem (15 de agosto) e do (19) nascimento da Virgem (8 de setembro), correspondentes ao movimento do Sol por Virgem; há o conflito de Cristo e seus discípulos com os asterismos outonais, (20) a Serpente e o Escorpião; e finalmente há um fato curioso de que a Igreja (21) dedica o dia do Solstício de Inverno (quando qualquer um pode, naturalmente, duvidar do renascimento do Sol) a São Tomé, que duvidava que a Ressurreição fosse verdadeira! Algumas coincidências, mas não todas, estão em questão. Mas elas são suficientes, acredito eu, para provar – mesmo permitindo possíveis margens de erro – a verdade de nossa contenção geral. Entrar no paralelismo dos caminhos de Krishna, o deus Sol indiano, e Jesus demoraria muito tempo; porque, de fato, a semelhança é muito grande. Eu proponho, no entanto, ao final deste capítulo, que nos aprofundemos um pouco na festa cristã da Eucaristia, em parte por causa de sua relação com a derivação de rituais astronômicos e celebrações

da Natureza já referidas, e em parte por causa da luz que a festa geralmente, seja ela cristã ou pagã, joga sobre as origens da Mágica Religiosa – um assunto que devo abordar no próximo capítulo. ⁽⁶⁵⁾

E, especificamente, sobre a questão do “salvador da humanidade”, Edward Carpenter e Joseph Campbell (1904-1987), em **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados** e **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental**, respectivamente, abordam-na da seguinte forma:

[...] em seus aspectos mais sensíveis e espirituais, como nos ritos Mitraicos, Egípcios, Hindus e Cristão, uma pessoa passava pelo véu do *maya* e de seu mundo em constante mudança, e entrava na região da paz e poder divinos⁽⁶⁶⁾. Ou, novamente, a doutrina do *Salvador*. A essa eu também não preciso adicionar muito mais do que já foi dito. **O número de divindades pagãs (em sua maioria nascida de virgens e mortas de uma maneira ou outra por seus esforços de salvar a humanidade) é tão grande⁽⁶⁷⁾ e, portanto, difícil de precisar. O deus Krishna na Índia, o deus Indra no Nepal e no Tibet morreram para a salvação dos homens; Buddha disse, de acordo com Max Muller⁽⁶⁸⁾, “Permita que todos os pecados existentes no mundo caiam sobre mim e o mundo será salvo”; o chinês *Tien*, o Sagrado - “com deus e existindo com ele para toda a eternidade” -**

morreu para salvar o mundo; **o egípcio Osíris** era chamado de Salvador, assim como *Horus*; assim como Mithra, **da Pérsia**; assim como **o grego Hércules** que venceu a morte apesar de seu corpo ser consumido pelas chamas da mortalidade, da qual ele subiu aos céus. O mesmo aconteceu com o frígio **Attis**, chamado de Salvador, e do sírio **Tammuz ou Adônis** – os dois que foram pregados a uma árvore, e depois renasceram de seus túmulos. **Prometheu**, o maior e mais antigo benfeitor da raça humana, foi pregado pelas mãos e pelos pés, com os braços abertos, às pedras do monte Cáucaso. **Baco ou Dionísio**, nascido da virgem Semele para ser o libertador da humanidade (Dionísio Bleutherios, como era chamado), foi cortado em pedaços, como Osíris. Mesmo em **Quetzalcoatl**, no México, o Salvador nasceu de uma virgem, foi tentado, jejuou por quarenta dias, morreu, e sua segunda vinda foi tão esperada que (como é bem conhecido), quando Cortez apareceu, os mexicanos, coitados, o receberam como o deus que voltara!⁽⁶⁹⁾ No Peru e entre os índios norte-americanos, no Norte e no Sul do Equador, lendas parecidas são, ou foram, encontradas. Apesar de falarmos pouco sobre o assunto, **é o bastante para provar que a doutrina do Salvador é mundial e muito antiga, e que o Cristianismo meramente apropriou-se da mesma e (assim como os outros cultos) lhe deu algumas outras cores.** Talvez essa doutrina original fosse muito melhor e muito mais conhecida, se a **Igreja Cristã não tivesse feito um esforço enorme para tomar as devidas precauções e para extinguir todas as**

evidências dos atos pagãos relacionados a esse assunto. Há muita evidência de que a Igreja antiga tomou esse caminho com salvadores pré-cristãos⁽⁷⁰⁾; e nos últimos tempos a mesma política tem sido mostrada pelo tratamento no século XVI dos escritos de Sahagun, o missionário espanhol – cujo trabalho já mencionei. Sahagun era um homem educado e muito inteligente que, apesar de não aceitar as barbaridades da religião asteca, foi fiel o bastante para mostrar características nas maneiras e dos costumes das pessoas, e algumas semelhanças com a doutrina e prática cristãs. Isso deixou enfurecidos os intolerantes católicos da recém-formada Igreja Mexicana.

Eles roubaram os manuscritos de Sahagun, de seu *História das coisas da Nova Espanha (1560)*, e os esconderam, e foi depois de muita briga e a decisão da Corte Espanhola que Sahagun os teve de volta. Finalmente, aos oitenta anos de idade, depois de traduzi-los para o espanhol (do original mexicano), ele mandou seus manuscritos em dois grandes volumes para a Espanha, para que ficassem em segurança; mas quase imediatamente *desapareceram* e não mais foram encontrados! Apenas *dois séculos* depois foram reaparecer (1790) em um convento de Tolosa em Navarre. O lorde Kingsborough publicou-os na Inglaterra em 1830.

Eu já falei sobre várias das principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase

todas as religiões do mundo antigo. A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

Não existe nenhuma outra doutrina no Cristianismo que seja mais apreciada e reverenciada por seus fiéis, do que aquela em que Deus sacrificou seu único filho para salvar o mundo; também, uma vez que o filho não era apenas *parecido* com o pai, mas da mesma natureza do Pai, e igual a ele, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o sacrifício foi uma imolação de si mesmo para o bem do mundo. A doutrina é muito mística, muito antiga e, de certa maneira, tão absurda e impossível, que tem sido um prato cheio para piadas por parte dos inimigos da Igreja; e aqui podemos pensar, é uma crença que – seja ela considerada gloriosa ou obsoleta – é única e peculiar àquela Igreja.

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, vem do latim *Hóstia*, que no dicionário significa “um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado”. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a

vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de “si mesmo para si mesmo”. Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. “Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu para mim.” E assim por diante. Os exemplos são infinitos. “Sou a oblação”, diz Krishna no Bhagavad Gita⁽⁷¹⁾. “Sou o sacrifício, a oferenda aos ancestrais”. “No real conceito ortodoxo de sacrifício”, diz Elie Reclus ⁽⁷²⁾, “a oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa a *divindade...*” ⁽⁷³⁾

III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

É impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], a cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. **E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia – segundo um padrão**

característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.

Em resumo, essa **biografia arquetípica do Salvador** fala de:

1. o descendente de uma família real
2. nascido milagrosamente
3. em meio a fenômenos sobrenaturais
4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.

Na sequência indiana, o herói do mundo:

6. casa-se e gera um herdeiro
7. desperta para sua missão
8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)
9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta
10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual
11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância

com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6 a 8. **Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã.** Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa é a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos — sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) — que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)

13. torna-se um pregador errante

14. prega a doutrina da salvação

15. a um séquito de discípulos e

16. a uma pequena elite de iniciados

17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda)⁽⁷⁴⁾, recebe o comando e se torna o modelo da comunidade leiga, enquanto

18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela era a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estagio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é – como no antigo sacrifício Soma – a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato é historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas

se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação. (75)

São mais dois autores que confirmam a história de Jesus com a de outros personagens mitológicos. Como ambos citaram Osíris, vejamos o que diz Richard Russell Cassaro, em ***O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos***:

O personagem central da **antiga religião egípcia era Osíris**", escreveu o falecido egiptólogo sir E. A. Wallis Budge, "e **os principais fundamentos do seu culto eram a crença na sua divindade, morte, ressurreição e controle absoluto do destino do corpo e da alma dos homens**. O ponto religioso central de cada osiriano era a esperança da ressurreição em um corpo transformado e da imortalidade, que ele só poderia perceber pela morte e ressurreição de Osíris. (76)

Não se pode deixar de ver que tudo isso foi, posteriormente, atribuído a Cristo. O interessante é que algumas dessas coisas também eram comuns na região da Mesopotâmia. Vejamos o que diz Samuel Noah Kramer (1897-1990), em ***Mesopotâmia, o Berço da Civilização***:

Desde os dias do cativeiro na Babilônia, e daí em diante, o judaísmo apresenta um enxame de místicos religiosos com visões apocalípticas sobre o futuro do homem. Por meio desses visionários, diz **o eminente orientalista W. F. Albright, “elementos inumeráveis da fantasia pagã e até mitos inteiros entraram na literatura do judaísmo e do cristianismo”**. Por exemplo, o rito do batismo – diz ele – remonta às religiões da Mesopotâmia, como também muitos dos elementos da história da vida de Cristo. Entre estes o Dr. Albright **inclui a sua concepção por uma virgem, o seu nascimento relacionado com os astros, e os temas da prisão, da morte, descida aos infernos, o desaparecimento por três dias e posterior ascensão aos céus.** ⁽⁷⁷⁾

Portanto, a mitologia pagã forneceu muitos elementos que hoje vemos em Jesus.

Mateus 4,13-16: “Deixou Nazaré, e foi morar em Cafarnaum, que fica às margens do mar da Galileia, nos confins de Zabulon e Neftali, para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região do outro lado do rio Jordão, Galileia dos que não são judeus! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; e uma luz brilhou para os que viviam na região escura da morte'”.

Profecia: **Isaías 9,1:** *“O povo que andava nas*

trevas viu uma grande luz, e uma luz brilhou para os que habitavam um país tenebroso”.

Em nota explicativa referente às passagens de Isaías 8,23b-9.6, encontramos na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***:

Em 732 a.C., o rei da Assíria toma os territórios da Galileia e adjacências, incluindo Zabulon e Neftali. O povo do Reino do Sul teme o avanço assírio, mas **o profeta mostra que Javé libertará os oprimidos e trará a paz. O que leva Isaías a essa luminosa esperança é o nascimento do Emanuel (cf. 7,14), que é Ezequias, o filho herdeiro de Acaz**. O profeta prevê um chefe sábio, fiel a Deus, duradouro e pacífico; ele perpetuará a dinastia de Davi, estendendo o reinado deste até às regiões agora dominadas pela Assíria e organizando uma sociedade fundada no direito e na justiça. ⁽⁷⁸⁾

Assim, refere-se, como já deduzimos um pouco atrás, a uma outra pessoa, não a Jesus; trata-se do filho de Acaz chamado Ezequias.

Ao citar Isaías (9,1), não houve nenhuma preocupação em se analisar o contexto da frase, pois fazer isso é fundamental para o entendimento dela. Assim, vamos complementar com os versículos de 2

a 6. Só que agora, recorreremos à *Bíblia Sagrada - Barsa*, cujos versículos correspondentes são os números 3 a 7, por termos nela uma narrativa mais clara dos fatos ocorridos àquele momento. Vamos à narrativa:

*“Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria. Eles se alegrarão quando tu lhes apareceres, bem como os que se alegram no tempo da messe, bem como exultam os vencedores com a presa que tomaram, quando repartem os despojos. Porque tu quebraste o jugo do peso que o oprimia, e a vara que lhe rasgava as espáduas, e o ceptro do exator, como o fizeste na jornada de Madian. Porque todo o violento saque feito com tumulto e a vestidura manchada de sangue, será entregue à queima, e ficará sendo o pasto do fogo. Porquanto já **UM PEQUENO** se acha **NASCIDO** para nós, e um filho nos foi dado a nós, e foi posto o principado sobre o seu ombro: e o nome com que se apelide será admirável, conselheiro, Deus forte, pai do futuro século, príncipe da paz. O seu império se estenderá cada vez mais, e a paz não terá fim: assentar-se-á sobre o trono de Davi, e sobre o seu reino: para firmar e fortalecer em juízo e justiça, desde então e para sempre. Fará isso o zelo do Senhor dos exércitos”. (79) (maiúscula do original)*

Chamamos a sua atenção, caro leitor, para a expressão **“porquanto já um pequeno se acha nascido”**, que evidencia tudo o que já temos dito anteriormente, no que se refere ao fato de que essa passagem não diz respeito mesmo a Jesus, porém a uma outra pessoa, já nascida na época, conforme a narração. Ora, se **já se achava nascida**, não se trata de profecia, mas, sim, de confirmação de um fato já ocorrido.

Com relação aos títulos: “admirável conselheiro, Deus forte, Pai do futuro século, Príncipe da Paz”, encontramos a seguinte explicação: “Os quatro títulos aqui empregados imitam o protocolo egípcio lido durante a coroação do novo Faraó. Trata-se, pois, de um rei ideal que é aqui anunciado. O texto refere-se, provavelmente, ainda ao mesmo Emanuel prometido em Is 7,14”. (80). Explicação que vem também reforçar que não se trata de Jesus. Mesmo porque a expressão, **Pai do futuro século**, demonstra, claramente, que se refere ao século imediatamente seguinte ao em que foi feita a profecia.

Mateus 8,16-17: *“À tarde, levaram a Jesus*

muitas pessoas que estavam possuídas pelo demônio. Jesus, com a sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os doentes, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: 'Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças'".

Profecia: **Isaías 53,4**: *“Todavia, eram as nossas doenças que ele carregava, eram as nossas dores que ele levava em suas costas...”*

Os versículos compreendidos entre Isaías 52,13-53,12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53, na **Bíblia Anotada**, são explicados da seguinte forma:

Apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8,35). **Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo.** O Servo, todavia, é distinto do “meu povo” (53,8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53,9)”. ⁽⁸¹⁾

Interessante que querem, de todas as

maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

Fora as informações que colocamos um pouco atrás, encontramos na ***Bíblia de Jerusalém*** e ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, respectivamente, mais estas:

No livro estão inseridas quatro peças líricas, os “cânticos do Servo” (42,1-4[5-9]0; 49,1-6; 50,4-9[10-11]; 52-13-53,12. Eles apresentam um perfeito servo de lahweh, que reúne o seu povo e é a luz das nações, que prega a verdadeira fé, expia por sua morte os pecados do povo e é glorificado por Deus. Essas passagens estão incluídas entre as mais estudadas do Antigo Testamento, e **não existe acordo nem quanto à sua origem nem quanto ao seu significado**. A atribuição dos três primeiros cânticos ao Segundo Isaías é muito verossímil; é possível que o quarto seja obra de um dos seus discípulos. **A identificação do Servo é muito discutida**. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e **é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo um personagem histórico do passado ou do presente**; nesta perspectiva, a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías; o quarto cântico teria sido acrescentado após sua morte. Combinam-se assim

as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo. ⁽⁸²⁾

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente **chamado Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. **O povo** de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado **“Servo de Javé”**. ⁽⁸³⁾

Veja que até divergem quanto à questão da palavra “Servo”. Essa divergência se torna ainda mais inexplicável, pois as três Bíblias que foram consultadas, segundo dizem, são a “palavra de Deus” e de “tradução diretamente dos originais”.

Essa informação também a podemos confirmar em Bart D. Ehrman, que, em ***O Problema Com Deus***, disse:

Há mais de cem anos, os estudiosos se deram conta de que os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías não poderiam ter sido escritos pelo mesmo autor responsável pelos primeiros 39 capítulos (ou a maior parte deles). Os primeiros capítulos pressupõem uma situação na qual a

Assíria está prestes a atacar Judá – ou seja, foram escritos no século VIII a.C. **Os capítulos 40 a 55, por outro lado, pressupõem uma situação em que o reino do sul tinha sido destruído e seu povo, levado para o exílio – ou seja, meados do século VI a.C.** Talvez porque os dois livros têm temas proféticos semelhantes, alguém **posteriormente os somou em um único rolo, acrescentando ainda os capítulos 56 a 66, de um profeta ainda mais recente** (o Terceiro Isaías), que escreveu em um terceiro contexto. ⁽⁸⁴⁾

Já que falamos em Servo, e como este termo será utilizado outras vezes, embora já tenhamos mencionado, vamos, novamente, ver na **Bíblia Sagrada - Vozes** as explicações dadas sobre o Livro de Isaías o seguinte:

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9a; 52,13-53,12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. **O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer.** ⁽⁸⁵⁾

Bom; aqui assumem não saberem exatamente

a que se refere a palavra “Servo”; mas, apesar disso, continuam: “Seja como for, o Novo Testamento viu no Servo sofredor o tipo por excelência dos sofrimentos e da morte redentora de Cristo”. Ora, ver “ser um tipo” não quer dizer que a profecia seja exatamente a respeito de Jesus.

E mais: o Novo Testamento não vê nada; quem viu foram alguns dos autores do Novo Testamento ou, quem sabe, foram colocadas umas palavrinhas aqui, outras ali, como sendo desses autores, conforme o interesse. Convém destacar que, nessa explicação, sequer o nome de Jesus foi estabelecido alguma relação com a vinda do Messias.

Vejamos também o que Pepe Rodríguez, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, diz a respeito do “Servo de lavé”:

[...] No texto conhecido como o Canto do Servo de lavé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12), que deve ser lido **no contexto do exílio e do cativo a que foi submetido o povo hebreu, o sacrifício expiatório dos sofrimentos do Servo (personificação da comunidade exilada e, portanto, do verdadeiro povo de Israel) é**

apresentado como tendo sido aceito por lavé. Foi a maneira encontrada pela elite sacerdotal de assegurar a “salvação” de todo o povo, apesar de este nada ter feito para a merecer – “o Justo, meu Servo, muitos há-de justificar-se” (Is 53,11), ele “será a Aliança dos homens, a luz das nações” (Is 42,6).

Apesar de não haver qualquer relação entre estes textos do Velho Testamento e a história de Jesus, os cristãos transformá-lo-ão num pilar básico da sua fé, ao lê-los com a confirmação do “varão de dores” (Is 53,3) e o anúncio do papel do messias sofredor desempenhado pelo nazareno como a sua paixão e a sua morte. **Ao tornar profético o relato de Isaías, extraviando conscientemente o seu verdadeiro sentido, a Igreja intentou conferir um sentido triunfante, glorioso e divino à execução de Jesus** que, de outro modo, teria sido apenas um fracasso puro e simples. ⁽⁸⁶⁾

Não resta dúvida que o servo é uma referência ao povo de Israel, nada tem a ver com Jesus, a não ser na mente dos dogmáticos.

Quanto a Ciro, que sabemos ter sido o rei da Pérsia, podemos ver que, em Isaías 44,28, ele é colocado como pastor do rebanho de Deus, e mais especificamente em Isaías 45,1 está como ungido de Deus que, para melhor destaque, grifamos: *“Eis aqui*

*o que diz o Senhor a Ciro **meu cristo**, a quem tomei pela destra para lhe sujeitar ante a sua face as gentes, e fazer voltar as costas aos reis, e abrir diante dele as portas, e estas mesmas portas não se fecharão.” (87)*

Especificamente quanto ao capítulo 53 do livro de Isaías, deverá ser, mais à frente, objeto de várias citações, para as quais servem as explicações anteriores e as que estamos colocando aqui.

Mateus 12,15-21: “Jesus soube disso, e foi embora desse lugar. Numerosas multidões o seguiram, e ele curou a todos. Jesus ordenou que não dissessem quem ele era. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Eis aqui o meu servo, que escolhi; o meu amado, no qual minha alma se compraz. Colocarei sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará o julgamento às nações. Não discutirá, nem gritará, e ninguém ouvirá a sua voz nas praças. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que ainda fumeja, até que leve o julgamento à vitória. E em seu nome as nações depositarão a sua esperança'”.

Profecia: Isaías 42,1-4: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele*

tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. Ele não gritará nem clamará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não quebrará a cana que já está rachada, nem apagará o pavio que está para se apagar. Promoverá fielmente o direito: não desanimará, nem se abaterá, até implantar o direito na terra e a lei que as ilhas esperam”.

Muitos se prendem à expressão “meu servo”, como aplicação exclusiva a Jesus; entretanto podemos ver que além de, em alguns casos, referirem-se ao povo de Israel, encontramos vários outros personagens bíblicos que também foram chamados de “**meu servo**” como, por exemplo: Abraão (Gênesis 26,24), Moisés (Números 12,7), Caleb (Números 14,24), Davi (2 Samuel 3,18), Naamã (2 Reis 5,6), Eliacim (Isaías 22,20), Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jeremias 25,9), Zorobabel (Ageu 2,23), Jacó (Ezequiel 37,25) e, finalmente, Jó (Jó 1,8). Notemos que a expressão “meu servo”, conforme já falamos, também é atribuída ao próprio povo de Israel.

Na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, explicam esta passagem desta forma:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. **Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicado a todo o povo pobre e fiel.** O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt. 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5). ⁽⁸⁸⁾

Falando-se a respeito do livro de Isaías, retomamos algo já mencionado, na **Bíblia de Jerusalém** colocam:

[...] A identificação do Servo é muito discutida. Muitas vezes se tem visto nele uma figura da comunidade de Israel, à qual outras passagens do Segundo Isaías dão, de fato, o título de “servo”. Mas os traços individuais são marcados demais e é por isso que outros exegetas, que formam atualmente a maioria, reconhecem no Servo uma personagem histórica do passado ou do presente; nesta perspectiva, **a opinião mais atraente é a que identifica o Servo com o próprio Segundo Isaías**; o quarto cântico teria sido apresentado após sua morte. Combinaram-se assim as duas interpretações, considerando o Servo como um indivíduo que incorporava os destinos de seu povo.

[...].⁽⁸⁹⁾

Apesar de sempre reconhecerem que a expressão o “Servo” se aplica ao povo de Israel, sempre apresentam um “porém”. Realmente, algumas vezes, é usado para um indivíduo, conforme já demonstramos; entretanto, não se trata de Jesus, mas de alguém da época que viria libertá-los. É o que também podemos depreender de Bart D. Ehrman em **O Problema Com Deus**:

Para compreender o Segundo Isaías é importante reconhecer que é explicitamente o povo de Israel, evidentemente aqueles levados para o exílio, aquele chamado de “meu servo” (41:8). Com o profeta diz posteriormente, “Tu és meu servo Israel, aquele em que me glorificarei” (49:3). A importância disso é que algumas das passagens do Segundo Isaías foram vistas pelos primeiros cristãos como se referindo a nenhum outro além do messias, Jesus, que se acreditava ter sofrido pelos outros, dando a redenção. E de fato é difícil para cristãos familiarizados com o Novo Testamento ler passagens como **Isaías 52:13-53:8** sem pensar em Jesus:

Eis que meu Servo prosperará,
ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas. (...)

Era desprezado e abandonado pelos homens,
homem sujeito à dor, familiarizado com o
sofrimento,

como pessoa de quem todos escondem o rosto;
desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.

E, no entanto, eram nossos sofrimentos que ele
levava sobre si,

nossas dores que ele carregava.

Mas nós o tínhamos como vítima do castigo,
ferido por Deus e humilhado.

Mas ele foi trespassado por causa de nossas
transgressões,

esmagado por causa de nossas iniquidades.

O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu
sobre ele,

sim, por suas feridas fomos curados.

Todos nós como ovelhas, andávamos errantes,
seguindo cada um o seu próprio caminho,
mas o Senhor fez cair sobre ele
a iniquidade de todos nós.

Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e
não abriu a boca,

como cordeiro conduzido ao matadouro;

como ovelha que permanece muda na presença
dos tosquiadores

ele não abriu a boca. (...)

[quem se preocupou] com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos?

De ter sido ferido pela transgressão do seu povo?

Vários pontos são importantes para interpretar uma passagem tão poderosa. O primeiro foi o que apresentei em um capítulo anterior: **os profetas de Israel não eram adivinhos com bolas de cristal olhando para o futuro distante (Jesus iria aparecer apenas cinco séculos depois)**; eles estavam levando a palavra de Deus a pessoas que viviam em sua própria época. Além disso, **não há nada na passagem que sugira que o autor está falando sobre um futuro messias**. Para começar, a palavra messias nunca aparece nessa passagem (leia você mesmo o livro inteiro). Ademais, é dito que os sofrimentos deste “servo” estão no passado, não no futuro. À luz desses pontos, é fácil ver por que, **antes do cristianismo, nenhum intérprete judeu considerou que esta passagem indicava como seria o messias ou o que faria. O antigo judaísmo (antes do cristianismo) nunca teve uma ideia de que o messias iria sofrer pelos outros – por isso a enorme maioria de judeus rejeitou a ideia de que Jesus pudesse ser o messias**. O messias devia ser uma figura de grandeza e poder – por exemplo, alguém como o poderoso rei Davi – que governaria o povo de Deus. E quem foi Jesus? Um criminoso crucificado, exatamente o oposto do que um messias seria. Finalmente, é importante reiterar o ponto fundamental: o autor do Segundo Isaías nos diz explicitamente quem é o “servo” que tinha sofrido;

o próprio Israel, especificamente Israel levado para o exílio (41:8; 49:2).⁽⁹⁰⁾

Os cristãos, claro, acabaram passando a pensar que esta passagem estava, sim, se referindo ao seu messias, Jesus. Direi algumas palavras sobre isso em breve. Por hora, a questão é o que o Segundo Isaías poderia ter querido dizer em seu próprio contexto histórico. Se esta passagem se refere a "meu servo, Israel": o que isso tudo significa?

Como os outros profetas, o Segundo Isaías acreditava que o pecado exigia punição. Israel, servo de Deus, exilado na Babilônia, tinha sofrido terrivelmente nas mãos de seus opressores. Esse sofrimento produziu expiação. Assim como um animal sacrificado no Templo produzia expiação do pecado, da mesma forma fizera Israel exilado. Ele tinha sofrido pelas transgressões dos outros. **Usando uma metáfora na qual Israel é identificado como um indivíduo, um “servo do Senhor”**: o Segundo Isaías indica que o povo exilado tinha sofrido de forma vicária por outros. Assim, a nação podia ser perdoada, retomar à relação certa com Deus e voltar à terra prometida. ⁽⁹¹⁾ Em outras palavras, a lógica dessa passagem está na compreensão clássica do sofrimento, a de que o pecado demanda uma punição e que o sofrimento é fruto da desobediência. ⁽⁹²⁾

Aqui se confirma tudo o que foi dito pelos outros exegetas. E queremos chamar a sua atenção

para o que Bart D. Ehrman e outros explicam sobre Isaías 52:13-53:8, uma vez que esse trecho bíblico será citado mais à frente.

Mateus 13,13-15: *“Eis por que vos falo em parábolas: Para que vendo, não vejam, e ouvindo, não ouçam nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Ouvireis com vossos ouvidos e não entenderéis, olhareis com os vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos para que seus olhos não vejam, e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare'”*.

Profecia: **Isaías 6,8-10**: *“Em seguida ouvi a voz do Senhor que dizia: 'Quem hei de enviar? Quem irá por nós?', ao que respondi: 'Eis-me aqui, envia-me a mim'. Ele me disse: 'Vai e dize a este povo: Podereis ouvir certamente, mas não entenderéis; podereis ver certamente, mas não compreenderéis. Embora o coração deste povo, torna-lhe pesados os ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, não ouça com os ouvidos, seu coração não compreenda, não se converta e não seja curado'”*.

Essa passagem de Isaías se refere a ele

mesmo, no início de sua vocação profética, conforme podemos comprovar na ***Bíblia de Jerusalém***:

A prontidão de Isaías lembra a fé de Abraão (Gn 12,1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (Ex 4,10-12) e sobretudo de Jeremias (Jr 1,6). **A pregação do profeta** embaterá na incompreensão de seus ouvidos. Os imperativos aqui usados não devem causar ilusão, equivalem a indicações (cf. 29,9): Deus não quer essa incompreensão, ele a prevê, ela serve aos seus desígnios. Ela desvela o pecado do coração e precipita o julgamento; comparar com o endurecimento do faraó (Ex 4,21; 7,3 etc.) ⁽⁹³⁾

Tudo fazem para ligar os textos a Jesus, sem a mínima preocupação com o contexto histórico.

Mateus 17,5: *“Pedro ainda estava falando, quando uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra, e da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho amado, que muito me agrada. Escutem o que ele diz’”.*

Profecia: **Isaías 42,1**: *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado”.*

Novamente o capítulo 42 está sendo usado fora do contexto, embora poucos exegetas

considerem esse passo de Mateus como uma profecia.

Qualquer passagem bíblica que pegarmos e tirarmos uma frase isolada do contexto, ela se aplicará ao que for do nosso interesse; não é mesmo?

Mateus 27,38.44: *“Com Jesus, crucificaram também dois ladrões, um à direita e outro à esquerda. Do mesmo modo, também os dois bandidos que foram crucificados com Jesus o insultavam”*.

Profecia: **Isaías 53,9**: *“Foi-lhe dada sepultura ao lado de facínoras e ao morrer achava-se entre malfeitores, se bem que não haja cometido injustiça alguma, e em sua boca nunca houvesse mentira”*.

Embora a *Bíblia Sagrada - Ave-Maria* não cite essa passagem como cumprimento de alguma profecia, resolvemos incluída, pois algumas outras Bíblias fazem isso.

O capítulo 53 de Isaías já foi objeto de comentários. Mas aqui merece ressaltarmos uma outra versão para este versículo pelas *Bíblias Pastoral, Anotada, a de Jerusalém, e Barsa*: “A

sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca". Prestem bem atenção, pois aqui verificamos que o trecho **“e ao morrer achava-se entre malfeitores”** (Isaías 53,9), não é comum a todas as Bíblias, provando que até mesmo mudam a tradução para justificar seus dogmas; aqui, no caso, a adulteração veio para legitimar que Jesus teria morrido entre dois ladrões.

Apenas para esclarecimento, transcrevemos de **Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus**, autoria de John Dominic Crossan:

A tradição cristã sempre falou, em inglês, dos dois *ladrões*, ou do bom *ladrão* e do mau *ladrão*. Os gregos, contudo, nunca usaram *ladrão* em qualquer dos cinco relatos. O termo é *malfeitores* em Pedro e Lucas, *bandidos* em Marcos e Mateus e, simplesmente, *outros* em João. [...].⁽⁹⁴⁾

E, um pouco mais à frente conclui categórico: “[...] os dois ladrões não são história lembrada, mas profecia historicizada. [...]”.⁽⁹⁵⁾

Em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré***, Reza Aslan confirma o que John Dominic Crossan disse:

[...] Os evangelhos afirmam que em ambos os lados de Jesus estavam pendurados homens que, em grego, eram chamados de *lestai*, uma palavra muitas vezes traduzida como “ladrões”, mas que, na verdade, **significa “bandidos” e era a designação romana mais comum para um insurreto ou rebelde.** ⁽⁹⁶⁾

Por outro lado, ainda é bastante questionável a narrativa de Mateus quando coloca José de Arimateia na história; senão vejamos em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***:

É crença generalizada que o túmulo em que Jesus foi posto naquele fim de tarde pertencia a José de Arimateia. Não é o caso. Esse erro se deve a uma breve glosa editorial do evangelho de Mateus, e nenhuma outra fonte que conhecemos sustenta essa teoria (Mateus 27:60).(1) Os evangelhos de Marcos e Lucas dizem apenas que “levaram o corpo e o colocaram em uma tumba talhada na rocha”. O evangelho de João nos fornece um importante detalhe adicional: “No local em que Jesus fora crucificado havia um jardim, e no jardim havia uma tumba, onde ninguém ainda tinha sido sepultado” (João 19:41).

É improvável que uma tumba recém-talhada, convenientemente localizada perto do local onde Jesus tinha sido crucificado, por casualidade pertencesse a José de Arimateia. Fato é que não temos a menor ideia de quem era o dono dessa tumba. Tinha sido recentemente talhada na rocha e ainda não fora usada, resolvendo, portanto, a situação de emergência que José e Nicodemos enfrentavam. [...].

(1) A afirmação de Mateus, de que José de Arimateia depositou Jesus em “sua tumba nova, que havia aberto em rocha”; **é um acréscimo editorial aparentemente sem qualquer base histórica.** Sabemos que a única fonte de Mateus sobre a morte e o sepultamento de Jesus foi o evangelho de Marcos. Como Marcos nada diz sobre José ser dono da tumba, e Lucas, que também usa Marcos como fonte, não possui essa alegação, **fica claro que Mateus acrescentou essa ligação, provavelmente por razões teológicas.** Décadas após a morte de Jesus, quando Mateus escreveu seu evangelho, os cristãos estavam dispostos a provar que Jesus era a figura do “servo sofredor” de Isaías 53. Uma das coisas que diz Isaías sobre essa figura é que “puseram sua sepultura com os ímpios e com o rico na sua morte” (Isaías 53:9). Aparentemente, **Mateus embarcou na ideia de um “homem rico” e queria atribuí-la a José de Arimateia, como forma de demonstrar que Jesus cumpria a profecia.** Mateus tinha como característica editar suas fontes, na tentativa de inserir cumprimentos de profecias na vida de Jesus. Ele o faz dezenas de vezes. Mateus parece estar tão sequioso para extrair essa citação de Isaías 53:9, que parece ignorar o fato de que esse texto, caso aplicado a José de Arimateia, iria caracterizá-lo não só como “rico”;

como também “ímpio”. (97)

Mais uma vez, nós estamos vendo a teologia ajustando os fatos aos dogmas instituídos pelos teólogos.

Tabor tem plena razão quando diz que “Mateus embarcou na ideia de um 'homem rico' e queria atribuí-la a José de Arimateia”, pois é o único evangelho que afirma essa condição dele, conforme se pode comprovar:

Mateus 27,57: “Ao entardecer, chegou **um homem rico** de Arimateia, chamado José, que também se tornara discípulo de Jesus”.

Marcos 15,42-43: “Ao entardecer, como era o dia da Preparação, isto é, a véspera do sábado, chegou José de Arimateia. **Ele era membro importante do Sinédrio**, e também esperava o Reino de Deus”.

Lucas 23,50-51: “**Havia um homem bom e justo**, chamado José. Era **membro do Conselho**, mas não tinha aprovado a decisão, nem a ação dos outros membros. Ele era de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava a vinda do reino de Deus”.

João 19,38: “**José de Arimateia era**

discípulo de Jesus, mas às escondidas, porque ele tinha medo das autoridades dos judeus. [...].”

Assim, a qualificação de José de Arimateia como homem rico tem mesmo tudo a ver como algo por conta do autor do evangelho em questão, que, como estamos vendo, fez de tudo para ligar Jesus às supostas profecias do Antigo Testamento, dando a Ele, a condição, de ser o Messias esperado pelo povo hebreu.

Evangelho de Marcos

Marcos 9,11-13: “Os discípulos perguntaram a Jesus: 'Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias?' Jesus respondeu: 'Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele”.

Profecia: mencionando o v. 12, pede-se para conferir **Isaías 53**.

Sobre Isaías 53 já explicamos que o Servo sofredor é o povo de Israel, e não alguém que virá

futuramente para cumprir essa função.

O trecho do versículo 12 *“Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado”*, dentro do contexto, parece-nos “peixe fora d'água”, destoando do assunto; inclusive, se o retirarmos nada afetará o desenrolar da história, que até ficará mais coerente.

A surpresa veio quando comparamos esse passo com a versão de Mateus, que tem o seguinte teor: *“Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: 'O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?' Jesus respondeu: 'Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. **E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo'**”*. (Mateus 17,10-12).

Ora, percebe-se que, na visão do autor do Evangelho de Mateus, justamente, aquele que, demasiadamente, se preocupava em citar profecias, esse trecho aparece como sendo uma simples fala de Jesus, sem qualquer conotação profética, embora

seja essa passagem a que mais está ligada a uma profecia, pois ela menciona o mesmo nome daquele que foi prometido por Deus para vir anunciar a vinda do Messias e ter sido confirmado por Ele como sendo aquele que viria o anunciar.

Marcos 15,27-28: *“Com ele crucificaram dois bandidos, um à direita e outro à esquerda. Desse modo cumpriu-se a Escritura que diz: 'Ele foi incluído entre os fora-da-lei'”.*

*Profecia: **Isaías 53,12**: Pois isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.*

Quanto ao capítulo 53 de Isaías, já tivemos oportunidade de falar por várias vezes; não caberia aqui nenhuma nova observação, porém, vamos colocar assim mesmo.

Na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, explica-se Isaías 53,10-12, onde lemos:

A última causa da paixão e morte do Servo não são seus inimigos ou as circunstâncias adversas, mas Deus mesmo que o quis como vítima

expiatória dos pecadores (v. 6). Os frutos da paixão e morte expiatórias são numerosa descendência seja material seja espiritual, e luz, isto é, felicidade e vida (Sl 49,20; Jó 3,16). Insinua-se aqui a volta à vida, tema retomado mais tarde, no tempo dos macabeus. ⁽⁹⁸⁾

Fica bem claro que o entendimento do passo nada tem a ver com profecia sobre algo que aconteceria com Jesus.

Em se referindo a Isaías 53,10, a nota da **Bíblia Ecumênica - TEB** diz:

É o único texto do AT que usa a imagem de uma vítima oferecida em expiação. **É sabido que os sacrifícios humanos estavam absolutamente proscritos.** ⁽⁹⁹⁾

Mas, mesmo “proscritos” os sacrifícios, aceitam o de Jesus como sendo para remissão dos pecados. Aliás, a morte de Jesus não foi por sacrifício a Deus, visando “pagar” os pecados da humanidade, porquanto, a sua causa foi política.

Evangelho de Lucas

Lucas 4,16-21: *Jesus foi à cidade de Nazaré,*

onde se havia criado. Conforme seu costume, no sábadó entrou na sinagoga, e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías. Abrindo o livro, Jesus encontrou a passagem onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor”. Em seguida Jesus fechou o livro, o entregou na mão do ajudante, e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Então Jesus começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu essa passagem da Escritura, que vocês acabaram de ouvir”.

Profecia: Isaías 61,1-2: *O Espírito do Senhor Javé está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé, o dia da vingança do nosso Deus, e para consolar todos os aflitos, os aflitos de Sião.*

Em consulta, no Novo Testamento, vemos que dos dois discípulos diretos de Jesus, Mateus e João, somente o primeiro fala desse acontecimento, mas

nada fala sobre a leitura do livro de Isaías. **Marcos e Lucas**, que não foram discípulos, como sabemos, compuseram suas narrativas por pesquisas ou informações obtidas de outras pessoas e, quem sabe, de textos já existentes. Marcos age como Mateus, ou seja, registra o episódio sem citar a leitura. Somente Lucas é quem cita a leitura, o que já nos deixa intrigados se o fato foi real ou não.

As explicações sobre essa passagem de Isaías podem nos ajudar a entender o texto; vejamos na ***Bíblia de Jerusalém***, a seguinte nota:

O profeta, muito provavelmente o autor dos caps. 60 e 62, anuncia que recebeu de Deus uma mensagem de consolação (vv.1-3): reconstruir-se-á (v. 4); os estrangeiros assegurarão as necessidades materiais de Israel, transformando em povo de sacerdotes e cumulado de glória (vv. 5-7); Deus toma a palavra para estabelecer aliança eterna (vv. 8-9). Os vv. 10-11 são uma ação de graças do profeta que fala em nome de Sião. Este poema repercute os cânticos do Servo (cf. 42,1; 42,7; 49,49, e também 50,4-11, onde quem fala é o Servo, como aqui). ⁽¹⁰⁰⁾

Do que concluímos que são citações que se aplicam a Isaías e não uma profecia. Mas, supondo

que Jesus tenha realmente lido essa passagem de Isaías, isso, por si só, não a torna uma profecia. O que ocorre é que Jesus aplicou à sua missão uma origem divina, afirmando que agia pelo Espírito de Deus, que permanecia sobre ele; essa é uma certeza que temos. Independentemente de alguma profecia, isso poderia acontecer; mas, nem sempre, o homem está em plenas condições vibracionais de receber as instruções do plano espiritual, transmitidas à humanidade por vontade do Criador; por isso, muitas vezes as deturpa ou as modifica, conforme sua maneira de pensar. Com isso não estamos negando o valor inestimável de seus ensinamentos; muito ao contrário, já que achamos que Ele é inigualável em tudo o que fez, disse ou exemplificou.

Evangelho de João

João 12,37-41: Apesar de Jesus ter realizado na presença deles tantos sinais, não acreditaram nele. Assim se cumpriu a palavra dita por Isaías: “Senhor, quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi revelada a força Senhor?” O próprio Isaías mostrou a razão pela qual eles não podiam acreditar: “Deus cegou os olhos deles e endureceu-lhes o coração, para que não vejam com os olhos e não

compreendam com o coração, a fim de que não se convertam, e eu tenha que curá-los". Isaías falou assim, porque viu a glória de Jesus e falou a respeito dele.

Profecia: **Isaías 53,1**: *Quem acreditou em nossa mensagem? Para quem foi mostrado o braço de Javé?* e **Isaías 6,10**: *Torne insensível o coração desse povo, ensurdeça os seus ouvidos, cegue seus olhos, para que ele não veja com os olhos nem ouça com os ouvidos, nem compreenda com o seu coração, nem se converta, de modo que eu não o perdoe.*

Esta passagem é parecida com Mateus 13,13-15, cuja citação da profecia de Isaías é a mesma (6,10), que comentamos mais no início deste estudo. Quanto ao capítulo 53, de Isaías já falamos anteriormente.

Atos dos Apóstolos

Atos 8,30-35: Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: "Você entende o que está lendo?" O eunuco respondeu: "Como posso entender, se ninguém me explica?" Então convidou Filipe a subir e sentar-se junto a ele. A passagem da Escritura que o eunuco estava lendo era esta: "Ele foi levado como ovelha ao matadouro. E como um cordeiro

perante o seu tosquiador, ele ficava mudo e não abria a boca. Eles o humilharam e lhe negaram a justiça. Quem poderá contar seus seguidores? Porque eles o arrancaram da terra dos vivos”. Então o eunuco disse a Filipe: “Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa? Então Filipe foi explicando. E, tomando essa passagem da Escritura como ponto de partida anunciou Jesus ao eunuco.

*Profecia: **Isaías 53,7-12**: Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado, Pelo seu conhecimento,*

o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.

A respeito do capítulo 53 do livro de Isaías já fizemos anteriormente nossos comentários. Não o faremos novamente, para não nos tornarmos mais repetitivos do que o necessário.

Atos 13,22-23: “Após depor Saul da realeza, Deus suscitou para eles o rei Davi, do qual prestou o seguinte testemunho: ‘Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração; ele cumprirá todas as minhas vontades’. Conforme havia prometido, Deus fez surgir da descendência de Davi um Salvador para Israel, que é Jesus.”

Profecia: Isaías: 11,1-2: *“Do tronco de Jessé sairá um ramo, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele pousará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé.”*

A explicação para Isaías 11,1-9, na **Bíblia**

Sagrada - Pastoral, é a seguinte:

Isaias projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,13; 7,14 e em nota 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia.
(¹⁰¹)

Mais uma explicação pela qual se pode ver que se refere Jesus, mas de Ezequias, filho do rei Acáz. Mas, como, várias vezes dissemos, é notória a intenção de relacionar passagens do Antigo Testamento, erroneamente interpretadas como profecias relacionadas à de Jesus.

Atos 13,26-41: “Irmãos, descendentes de Abraão e não-judeus que adoram a Deus, esta mensagem de salvação foi enviada para nós. Porque os habitantes de Jerusalém e seus chefes não reconheceram a Jesus e, ao condená-lo, cumpriram as profecias que são lidas aos sábados. Embora não encontrassem nenhum motivo para condenar Jesus à morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. Depois de fazerem tudo o que a Escritura diz a respeito de Jesus, eles o tiraram da cruz e o puseram num túmulo. Mas Deus o ressuscitou

dos mortos, e durante muitos dias ele apareceu àqueles que o acompanharam da Galileia para Jerusalém. Agora, eles são testemunhas de Jesus diante do povo. Nós anunciamos a vocês este Evangelho: a promessa que Deus fez aos antepassados, ele a cumpriu plenamente para nós, seus filhos, quando ressuscitou Jesus, como está escrito no segundo Salmo: 'Você é o meu filho, eu hoje o gerei'. Deus ressuscitou Jesus dos mortos, para que nunca voltasse à corrupção. Isso, ele o disse desta maneira: 'Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi'. Por isso diz também em outro lugar: 'Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção'. Ora, tendo cumprido a missão que Deus lhe dera para sua época, Davi morreu, foi para junto de seus pais e conheceu a corrupção. Mas aquele que Deus ressuscitou não conheceu a corrupção. Portanto, fiquem sabendo bem, irmãos, que por meio dele é anunciado a vocês o perdão dos pecados. E, por meio dele, todo aquele que acredita é justificado de todas as coisas de que vocês não puderam ser justificados pela Lei de Moisés. Portanto, tenham cuidado para que não aconteça a vocês o que os profetas disseram: 'Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês **não acreditariam se lhes fosse contada!**'"

Profecias: **Salmo 2,7**: “*Você é o meu filho, eu hoje o gerei.*”; **Isaías 55,3**: “*Cumprirei para vocês a promessa fiel que fiz a Davi*”; **Salmo 15,10**: “*Não permitirás que teu fiel conheça a corrupção.*” (versículo já mencionado) e **Habacuc 1,5**: “*Olhem, desprezadores, se admirem e desapareçam! Porque nos dias de vocês vou realizar uma coisa que vocês não acreditariam se lhes fosse contada!*”

A respeito dos Salmos régios, na **Bíblia de Jerusalém**, explicam:

Há certo número de cânticos “régios” espalhados no Saltério e que pertencem a diversos gêneros literários. Há oráculos em favor do rei (Sl 2 e 110), orações pelo rei (Sl 20; 61; 72), uma ação de graças pelo rei (Sl 21), orações do rei (Sl 18; 28; 63; 101), um canto real de procissão (Sl 132), um hino régio (Sl 144). Seriam poemas antigos, datando da época monárquica e refletindo a linguagem e o cerimonial da corte. Teriam em vista um rei da época e os Sl 2; 72; 110 podem ter sido salmos de entronização. O rei é chamado filho adotivo de Deus, seu reino será sem fim, seu poder se estenderá até os confins da terra; fará triunfar a paz e a justiça, será o salvador do povo. Tais expressões podem parecer extravagantes, mas não vão além do que os povos vizinhos diziam de seu soberano e do que Israel esperava do seu. Mas em Israel o rei recebe a unção, que faz dele o vassalo de Iahweh e seu representante na terra.

Ele é o Ungido de lahweh, em hebraico o “Messias”, e esta relação religiosa estabelecida com Deus especifica a concepção israelita e a diferencia das do Egito ou da Mesopotâmia, não obstante o uso da fraseologia comum. O “messianismo régio”, que começa com a profecia de Natã (2 Sm 7), exprime-se nos comentários que dão sobre ela os Sl 89 e 132 e especialmente nos Sl 2; 72 e 110. Eles mantinham o povo na esperança das promessas feitas à dinastia de Davi. Se se define o messianismo como a espera de rei futuro, de um último rei que haveria de trazer a salvação definitiva e que instauraria o reino de Deus sobre a terra, nenhum desses salmos seria propriamente “messiânico”. Mas alguns destes antigos cânticos régios, continuando a ser utilizados depois da queda da monarquia e sendo incorporados no Saltério, talvez com retoques e adições, alimentaram a ideia de Messias individual, descendente de Davi. Esta esperança estava viva entre os judeus às vésperas do começo da nossa era e os cristãos viram sua realização em Cristo (título que significa Ungido em grego, como Messias em hebraico). ⁽¹⁰²⁾

Ora, isso também confirma o que dissemos anteriormente a respeito de que sempre esperavam um outro novo Messias, já que aquele que acreditavam ser naquele momento, não correspondia às expectativas que tinham a respeito de um messias libertador e que colocasse o povo judeu em

supremacia sobre os demais povos, já que se julgavam como sendo o “povo eleito” de Deus.

Explicam-nos que a expressão “*eu hoje te gerei*.” É uma referência ao dia da coroação.” (103)

Na *Bíblia Sagrada - Ave-Maria*, temos a informação de que Isaías 55 faz parte do contexto “o servo do Senhor” (104), que é o próprio povo de Israel.

Em relação ao trecho de Habacuc 1,2-2,4, temos na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***:

Habacuc se defronta com o problema da opressão e da violência: em nível tanto internacional como nacional, os fortes oprimem os fracos, e Deus parece não resolver a questão. Vários profetas explicavam a situação, mostrando que os inimigos exteriores eram instrumentos com que Deus castigava o pecado do povo. Habacuc rejeita essa explicação, mostrando que também os inimigos externos são opressores. Diante disso, em que situação fica o justo? (105)

E, especificamente, quanto aos versículos 5-11, na ***Bíblia Sagrada - Pastoral***, lemos:

Conforme alguns profetas anteriores, o invasor é o instrumento de Deus. O texto descreve o

exército de Nabucodonosor conquistando um povo, e depois indo embora e deixando ruínas atrás de si. Seria essa uma intervenção de Deus? O profeta nota que o instrumento acaba considerando a si mesmo um deus; e isso é pior do que a injustiça que reinava antes. Essa resposta não satisfaz a Habacuc. ⁽¹⁰⁶⁾

Situação da época em que viveu o profeta Habacuc, nada de previsão para acontecimentos futuros, conforme o autor de Atos quer que seja.

Carta aos Romanos

Romanos 10,9-11: *“Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. É acreditando de coração que se obtém a justiça, e é confessando com a boca que se chega à salvação. De fato, a Escritura diz: ‘Todo aquele que acredita nele, não será confundido.’”*

Profecia: **Isaías 28,14-16**: *“Escutem a palavra de Javé, homens arrogantes, governantes desse povo que está na cidade de Jerusalém. Vocês dizem: ‘Fizemos aliança com a morte, com a morada dos mortos fizemos um acordo: quando o flagelo destruidor passar, não nos vai atingir, pois*

temos um abrigo na falsidade, nós nos escondemos debaixo da mentira.’ Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado.”

Lemos na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, a seguinte explicação para Isaías 28,14-22, portanto, abrangendo o v. 16, acima citado:

Diante do perigo de uma invasão assíria, os israelitas fizeram aliança com o Egito (= “morte”: os egípcios cultuavam o mundo dos mortos). O profeta, porém, vê nessa aliança uma ilusão e uma farsa, pois um pacto com a falsidade não poderá dar segurança a ninguém. Diante da insistência dos governantes em se apoiar no Egito, Isaías compara a Assíria com o flagelo do destruidor, que outrora passou e destruiu os egípcios, para proteger os hebreus (cf. Ex 12,13). Mas agora, esse flagelo destruirá também os israelitas. Somente apoiando-se em Deus e seguindo seu projeto, é que o povo encontrará forças para resistir às opressões. ⁽¹⁰⁷⁾

Entendemos que, pelo contexto, a “profecia” de Isaías se aplicaria ao povo hebreu daquela época, e não numa época futura. Em Jerusalém, no monte Sião, foi erguido o templo, que era considerado a

morada de Deus (Salmo 75,3). Em Deuteronômio 32,4 diz-se que Deus é a rocha; assim, isso leva para não ser uma profecia a respeito de Jesus.

Romanos 11,26-27: *Então, todo o Israel será salvo, como diz a Escritura: “De Sião sairá o libertador, ele vai tirar as impiedades de Jacó; essa será a minha aliança com eles, quando eu perdoar os seus pecados”.*

Profecia: **Isaías 59,20-21**: *Mas de Sião virá um redentor, a fim de agastar os crimes cometidos, contra Jacó - oráculo de Javé. Da minha parte, esta é a minha aliança com eles, diz Javé: O meu Espírito está sobre você, e as minhas palavras, que eu coloquei em sua boca, jamais se afastarão dela, nem da boca de seus filhos, nem da boca de seus netos, desde agora e para sempre, diz Javé, e **Isaías 27,9**: Pois é assim que a culpa de Jacó será apagada; será esse o fruto por ele se agastar do seu pecado, quando ele reduziu todas as pedras do altar a pedras de cal que se transformaram em pó, quando não mais erguer postes sagrados e altares de incenso.*

As explicações para o capítulo 59, versículos 1-21, na **Bíblia Sagrada - Vozes**, são dadas da seguinte maneira:

Aqui temos uma espécie de liturgia penitencial (cf. Jl 1-2; Jr 36) onde os temas do pecado e seu castigo se sucedem e alternam. **Na situação difícil dos primeiros decênios do pós-exílio o povo tem a impressão que a Deus falta poder e vontade para trazer tempos melhores** (v. 1). Mas como em 50,1-2 também aqui o profeta responde que a salvação demora por causa dos pecados do povo contra Deus e contra o próximo. ⁽¹⁰⁸⁾

A explicação é suficiente para chegarmos à conclusão de que não se trata de uma profecia, mas de liturgia penitencial. E, novamente, a título de curiosidade, temos a informação de que o versículo 21 é “prosaico e obscuro, parece um acréscimo” ⁽¹⁰⁹⁾. Precisamos dizer mais alguma coisa?

Duas explicações semelhantes encontramos para a passagem Isaías 27,6-9. A primeira, na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, em que é dito:

Deus corrige os erros do seu povo, e muito mais os erros de seus inimigos, pois seu povo conhece seu projeto, enquanto os inimigos o desconhecem. Todavia, se a comunidade abandona os ídolos, Deus lhe envia o perdão e a renovação da vida. ⁽¹¹⁰⁾

A segunda, na **Bíblia de Jerusalém**, já nos traz:

A interpretação deste passo é embaraçada pela aparente desordem e pelo estado corrompido do texto. Parece que os vv. 7-8.10-11 dizem respeito ao castigo dos opressores de Israel, identificados com a “cidade fortificada” deste apocalipse (v. 10) Os vv. 6 e 9, que são uma promessa a Israel, cuja iniquidade está sendo expiada, poderiam estar preparando o oráculo de 12-13. ⁽¹¹¹⁾.

Podemos concluir que, também aqui, nada há de se referir a uma profecia.

Primeira Carta aos Coríntios

1ª Coríntios 15,1-5: “Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que lhes anunciei, que vocês receberam e no qual permanecem firmes. É pelo Evangelho que vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão. Por primeiro, eu lhes transmiti aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; apareceu a Pedro e depois aos Doze.”

Profecia: **Isaías 53,5-12**: “5. Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas revoltas, esmagado por nossos crimes. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria quites; e por suas feridas é que veio a cura para nós. Todos nós estávamos perdidos como ovelhas, cada qual se desviava pelo seu próprio caminho, e Javé fez cair sobre ele os crimes de todos nós. Foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; tal como cordeiro, ele foi levado para o matadouro; como ovelha muda diante do tosquiador, ele não abriu a boca. Foi preso, julgado injustamente; e quem se preocupou com a vida dele? Pois foi cortado da terra dos vivos e ferido de morte por causa da revolta do meu povo. A sepultura dele foi colocada junto com a dos ímpios, e seu túmulo junto com o dos ricos, embora nunca tivesse cometido injustiça e nunca a mentira estivesse em sua boca. No entanto, Javé queria esmagá-lo com o sofrimento: se ele entrega a sua vida em reparação pelos pecados, então conhecerá os seus descendentes, prolongará a sua existência e, por meio dele, o projeto de Javé triunfará. Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, o meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o crime deles. Por isso eu lhe darei multidões como propriedade, e com os poderosos repartirá o despojo: porque entregou seu pescoço à morte

*e foi contado entre os pecadores, ele carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos pecadores.” e **Salmo 16,8-10**: “Tenho Javé à minha frente sem cessar. Com ele à minha direita, jamais vacilarei. Por isso meu coração se alegra, minhas entranhas exultam, e minha carne repousa em segurança; porque não me abandonarás no túmulo, nem deixarás o teu fiel ver a sepultura. Tu me ensinarás o caminho da vida, cheio de alegria em tua presença, e de delícias à tua direita, para sempre.” (112)*

Quanto a Isaías esse trecho já foi mencionado anteriormente, nossos argumentos ou explicações lá estarão. O Salmo é de autoria de Davi, e, na *Bíblia Sagrada - Pastoral*, tem o título “A herança da vida”, da qual transcrevemos: Sl 16: Oração de confiança, onde se renova a entrega total a Deus, tanto do indivíduo como da comunidade” (113). Certamente, que isso nada tem a ver com profecia a respeito de Jesus.

Primeira Carta de Pedro

1 Pedro 2,4-8: “Aproximem-se do Senhor, a pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo

espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo. De fato, nas Escrituras se lê: 'Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. Quem nela acreditar não ficará confundido'. Isto é: para vocês que acreditam, ela será tesouro precioso; mas, para os que não acreditam, a pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a pedra angular, uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair. Eles tropeçam porque não acreditam na Palavra, pois foram para isso destinados”.

Profecia: **Isaías 28,16**: “Por isso, assim diz o Senhor Javé: Eu vou assentar no monte Sião uma pedra, pedra escolhida, angular, preciosa e bem firmada; quem nela confiar, não será abalado”. (v. 6) e **Salmo 117,22**: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular”. e **Isaías 8,14**: “Ele será uma armadilha, uma pedra de tropeço, um obstáculo que derruba para as duas casas de Israel; um laço e uma armadilha para os habitantes de Jerusalém”. (v. 7).

Lemos na **Bíblia Sagrada - Pastoral**, a seguinte explicação para Isaías 28,14-22, portanto, abrangendo o v. 16, citado acima:

Diante do perigo de uma invasão assíria, os

israelitas fizeram aliança com o Egito (= “morte”: os egípcios cultuavam o mundo dos mortos). **O profeta, porém, vê nessa aliança uma ilusão e uma farsa, pois um pacto com a falsidade não poderá dar segurança a ninguém.** Diante da insistência dos governantes em se apoiar no Egito, **Isaías compara a Assíria com o flagelo do destruidor**, que outrora passou e destruiu os egípcios, para proteger os hebreus (cf. Ex 12,13). Mas agora, **esse flagelo destruirá também os israelitas**. Somente apoiando-se em Deus e seguindo seu projeto, é que o povo encontrará forças para resistir às opressões. ⁽¹¹⁴⁾.

Entendemos que, pelo contexto, a “profecia” de Isaías se aplicaria ao povo hebreu daquela época, e não numa época futura. Em Jerusalém, no monte Sião, foi erguido o templo, que era considerado a morada de Deus (Salmo 75,3). Em Deuteronômio 32,4 diz-se que Deus é a rocha; assim, isso leva para não ser uma profecia a respeito de Jesus.

Em Mateus 21,42, comentamos o passo Salmo 117,22-23; por isso não o faremos aqui; resta-nos, ainda o passo Isaías 8,14, para o qual encontramos esta explicação:

Deus é muitas vezes chamado no AT “rocha” e “pedra” com sentido salvífico: esperança total.

No caso, ao contrário, será pedra e rocha que se precipita contra Israel e Judá. ⁽¹¹⁵⁾

Com isso temos a confirmação do que estamos concluindo a respeito do assunto.

Ao que parece a preocupação de relacionar Jesus com as Escrituras iniciou-se com Paulo. Por pregar aos gentios, ele fazia de tudo para demonstrar-lhes que Jesus era o Messias previsto pelos profetas, talvez objetivando que, diante desse argumento, se convencesse que o Deus de Paulo estava agindo a favor da humanidade, enquanto, que os outros deuses não se comportavam da mesma forma. Com essa linha de raciocínio, fatalmente, iriam considerá-lo como o Deus verdadeiro.

Vejamos alguns passos, nos quais fica claro esse comportamento de Paulo de Tarso:

Atos 17,1-4: *“Passando por Anfípolis e Apolônia, Paulo e Silas chegaram a Tessalônica, onde os judeus tinham uma sinagoga. **Conforme seu costume, Paulo** foi procurá-los e, por três sábados seguidos, **discutiu com eles. Partindo das Escrituras, explicava e***

demonstrava para eles que o Messias devia morrer e ressuscitar dos mortos. E acrescentava: 'O Messias é este Jesus que eu anuncio a vocês'. Alguns judeus se convenceram disso e se uniram a Paulo e Silas, assim como bom número de gregos que adoravam o Deus único, e não poucas mulheres da alta sociedade”.

Atos 26,19-23: “E eu [Paulo], rei Agripa, não me rebelei contra essa visão celeste. Ao contrário: vivendo da maneira que corresponde a essa conversão, eu anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e de toda a Judeia, e depois aos pagãos. É por isso que os judeus me agarraram e tentaram matar-me. Mas, com a proteção de Deus, eu continuo até hoje dando testemunho diante de pequenos e grandes. Não prego nada mais do que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer, isto é, que o **Messias devia sofrer e que, ressuscitado por primeiro dentre os mortos**, ele devia anunciar a luz ao povo e aos pagãos”.

Atos 28,23-25: “Então marcaram um dia e foram com mais gente para se encontrar com ele no seu alojamento. Desde o amanhecer até à tarde, **Paulo fez uma exposição baseada na Lei de Moisés e nos Profetas**, dando testemunho do Reino de Deus e procurando

convencê-los a respeito de Jesus. Alguns aceitaram o que ele dizia, mas outros não quiseram acreditar. Houve, assim, discordância entre eles. [...].”

O judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, homem eloquente, instruído nas Escrituras, também agiu assim:

Atos 18,27-28: “[...] a presença de **Apolo** foi muito útil aos fiéis. 28. De fato, ele rebatia vigorosamente aos judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Messias”.

A forte ação de Paulo, no cristianismo primitivo, fica evidente, quando se vê que, no Novo Testamento, há mais cartas atribuídas a ele, cerca de treze, do que os relatos sobre a vida e obra de Jesus, cujo número não passa de quatro. Modernamente tem-se questionado a autoria de algumas dessas cartas como sendo de Paulo; é bom que se saiba disso.

Conclusão

Não vimos nada em Isaías que, seguramente, se possa atribuir a Jesus, em geral, tratam-se de interpretações de conveniência, visando ajustar os textos ao que já se acredita, vale o que disse Ehrman: “Estudos acadêmicos devem ser baseados em evidências e argumentos, e não fundamentados no que se gostaria de pensar.”

Quanto aos profetas em si, vejamos, em ***Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns***, o que teólogo Hans Küng (1928-2021), disse ao mencionar os profetas Isaías, Jeremias e Ezequiel, categoricamente afirma:

[...] Esses porta-vozes não pretendem anunciar um futuro distante, mas sim prescrever, repreender, examinar e advertir no presente. ⁽¹¹⁶⁾

Por outro lado, verificamos que, de forma surpreendente, a grande maioria das supostas

profecias é tirada do livro de Isaías; entretanto, cabe-nos, por respeito a você, caro leitor, fazer algumas considerações sobre este livro. Novamente, recorreremos à **Bíblia de Jerusalém** que coloca:

Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. **Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos.** O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, **impossível de reconstituir em todas as suas etapas.** [...].

O livro recebeu acréscimos mais consideráveis ainda. Os caps. 40-55 não podem ser obra do profeta do século VIII. Não só nunca é mencionado aí o seu nome, mas também o contexto histórico é posterior cerca de dois séculos: Jerusalém foi tomada, o povo se acha cativo em Babilônia, **Ciro já está em cena e será o instrumento da libertação.** Sem dúvida, a onipotência divina poderia transportar um profeta a um futuro longínquo, retirá-lo do presente e alterar as imagens e seus pensamentos. Mas isso supõe o desdobramento dos contemporâneos – para os quais ele foi enviado – os quais não têm paralelo na Bíblia e são contrários à própria noção de profecia, a qual não faz intervir o futuro senão como ensinamento para o presente. **Esses capítulos contêm a pregação dum anônimo, continuador de Isaías** e grande profeta, como ele, o qual, na falta de um nome melhor, **chamamos de Dêutero-Isaías ou de Segundo Isaías.** Pregou em

Babilônia entre as primeiras vitórias de Ciro, em 550 a.C. – que levam a adivinhar a ruína do império babilônico – e o edito libertador de 538, que permitiu os primeiros retornos. [...].

[...] Os oráculos dos caps. 1-39 eram geralmente ameaçadores e cheios de alusões aos acontecimentos dos reinados de Acaz e de Ezequias; os dos **caps. 40-55 estão desligados deste contexto histórico** e são consoladores. O julgamento cumpriu-se na ruína de Jerusalém, o tempo da restauração está próximo. Será uma renovação completa e este aspecto é sublimado pela importância dada ao tema de Deus criador, unido ao de Deus salvador. **Um novo êxodo, mais maravilhoso do que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira.** [...].

A última parte do livro (caps. 56-66) tem sido considerada como obra de outro profeta, denominado “Trito-Isaías”, Terceiro Isaías. Hoje, geralmente se reconhece que é uma coletânea diversificada. [...]. ⁽¹¹⁷⁾

Veja bem; um livro é composto de várias coletâneas que não se sabe quem são realmente os autores; e ainda têm coragem de afirmar que é “inspirado por Deus”... Tudo que já dissemos antes vem se confirmar nesses textos que acabamos de colocar.

Trazemos o pensamento de um teólogo, que vem justamente ao encontro do que observamos nesse estudo, citado por José Tadeu Arantes no artigo “**O Desafio de Entender Jesus**”, publicado na Galileu - Edição Especial Religiões - Julho 2003:

Esses relatos misturam, com muita liberdade, fatos históricos e efeitos mitológicos, e atribuem a cada episódio um significado transcendental. “**Há neles uma clara tentativa de adaptar os detalhes da vida de Jesus às profecias do Antigo Testamento**”, comenta o teólogo Fernando Altemeyer Júnior, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. ⁽¹¹⁸⁾

conforme nos informa a *Revista Galileu Especial - Jesus e os Mistérios Que a Bíblia Não Explica*.

Pensamento idêntico vamos encontrar na obra **A Última Semana**, de autoria de Marcus J. Borg e John Dominic Crossan, que valerá a pena transcrevê-lo:

Nós vemos o relacionamento entre a Bíblia Judaica e o Novo Testamento de modo muito diferente dos principais estudiosos. A Bíblia Judaica era a escritura sagrada dos primeiros

cristãos e muitos deles a conheciam bem, alguns por ouvi-la oralmente, outros por serem capazes de lê-la. Assim, enquanto contavam a história de Jesus, eles usavam linguagem da Bíblia judaica para fazê-lo.

Essa prática produziu o que chamamos de “profecia historicizada”. Uma narrativa do passado (neste caso, da Bíblia judaica) é “historicizada” ao ser usada em uma narrativa subsequente (os evangelhos e o Novo Testamento). “Historicizar” aqui não torna algo histórico ou historicamente factual. Simplesmente significa usar uma passagem antiga em uma história mais nova na tentativa de ligar essa história mais nova à tradição anterior e lhe dar – credibilidade

Para ilustrar o processo, usamos dois exemplos de Mateus, o mestre da profecia “historicizada” Em sua história sobre a infância de Jesus, Este e sua família voltavam do Egito depois de terem fugido para lá escapando à perseguição de Herodes. Mateus disse que a volta deles cumpriu uma passagem do profeta Oseias: “Do Egito chamei meu filho (11:1).” Em Oseias, essa passagem refere-se ao êxodo. Fala do amor de Deus por Israel e as coisas que Deus fez por ele, em especial a libertação durante o êxodo – Deus está “chamando seu filho”, Israel, “do Egito”. Mateus pegou essa passagem e disse que ela referia-se a Deus chamando seu “filho” – Jesus – do Egito. Isso foi uma profecia historicizada: usar uma passagem do Velho Testamento para narrar uma história posterior.

Em um segundo exemplo, Mateus conta a história do suicídio de Judas, perto do fim de seu evangelho; ele “historiciza” uma passagem dos profetas ligando-a ao preço da traição de Jesus: trinta moedas de prata. Em 27:9, Mateus ecoa uma passagem de Zacarias 11:13 (erradamente atribuída a Jeremias), que se refere a trinta shekels de prata sendo devolvidos ao tesouro do templo.

Algumas vezes é difícil discernir se a “profecia historicizada” está sendo usada para comentar algo que aconteceu ou se está sendo usada para gerar uma narrativa ou um detalhe em uma narrativa. Mas esse discernimento não é nossa preocupação atual. O ponto a enfatizar é o uso de passagens da Bíblia judaica ao narrar a história de Jesus e *sua influência sobre a estrutura interpretativa do narrador.* ⁽¹¹⁹⁾ (itálico do original)

Também podemos ver algo interessante em Tom Harpur, sobre a atitude de Mateus em querer ter tudo a respeito de Jesus como se fosse cumprimento de alguma profecia. Vejamos na sua obra ***O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus:***

A técnica de Mateus de esquadrihar o Velho Testamento em busca de “profecias” adequadas para servir de suporte à sua narrativa empresta a esse Evangelho um sentido aparentemente de história judaica autêntica. Mas **todo esse edifício**

desaba quando se percebe que essas supostas profecias foram todas cumpridas no Velho Testamento e podem ser inteiramente explicadas sem nenhuma referência futura de espécie alguma. Com frequência, no Novo Testamento, elas foram tiradas do contexto e distorcidas a ponto de se tornarem irreconhecíveis. As profecias hebraicas, é preciso lembrar, não diziam respeito a predizer, profetizar, vaticinar, prognosticar, prenunciar, pressagiar, mas a projetar (isto é, estavam relacionadas com os problemas imediatos. ⁽¹²⁰⁾)

Diante de tudo isso, vemos como de necessidade urgente uma completa revisão nos conceitos teológicos tradicionais, para buscar a *“verdade que liberta”*, sob pena de causar, cada vez mais, incrédulos.

Ora, um livro de inspiração divina nunca poderia levar pessoas ao ateísmo; se isso está ocorrendo é porque existe alguma coisa errada. O que está errado? Pensamos que os teólogos do passado, por mais sábios que pudessem ser, não possuíam uma visão holística dos fatos; sempre colocavam os textos bíblicos sob o seu estreito ponto de vista. E não há como negar que o homem avançou de maneira considerável, principalmente no

campo das ciências. Isso vem provocando uma revisão completa nos conhecimentos do passado; só que ainda essa revisão não teve como alvo a teologia tradicional.

A humanidade, hoje, mais questionadora, e indubitavelmente mais exigente, não quer aceitar mais nada sem o crivo da razão e da lógica. E, quando resolver passar a Bíblia por esse crivo, as coisas irão complicar-se, já que a maioria das correntes religiosas tradicionais terá que modificar seus conceitos, sob pena de continuarem formando mais ateus que crentes. Desejamos, com tudo isso, fazer um urgente pedido de socorro: Vamos separar na Bíblia o joio do trigo para o próprio bem dela.

Agora, como reflexão final, colocaremos o complemento do pensamento de um Espírito que se identificou como Erasto, registrado em **O Livro dos Médiuns**:

Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitais hoje

certas verdades, porque não vos são demonstradas lógica e claramente, logo um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá delas vos afirmar a autenticidade. ⁽¹²¹⁾

Destacamos: “Vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira, uma só falsa teoria”; quem segue esse conselho ficará livre de dissabores no amanhã.

Referências Bibliográficas

- A Bíblia Anotada**, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB**, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista. 3ª imp. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- Bíblia de Jerusalém**, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino**, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada**, 14ª imp. São Paulo: Sociedade Bíblia Católica Internacional e Paulus, 1995.
- Bíblia Sagrada**, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada**, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada**, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada**, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada**, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada**, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada**, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

- Bíblia Sagrada**, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada**, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd**, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das**. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1982.
- ABRIL, **Grandes Heróis Bíblicos, Ed. 01 - Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas, Zacarias**. São Paulo: Editora Abril, s/d.
- ARANTES, J. T. **O Desafio de Entender Jesus**. in. *Galileu Especial nº 2*, julho 2003, p. 12-21.
- ARIAS, J. **Jesus Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, K. **A Bíblia: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ASLAN, R. **Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BARRERA, J. T. **A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. **A Última Semana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athene, 1995.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.

- CASSANO, R. R. **O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos**, in: KENYON, J. D. (org). *O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 29-36.
- CROSSAN, J. D. **Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antissemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- EHRMAN, B. D. **Como Jesus se Tornou Deus**, São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. **O Problema Com Deus**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- HARPUR, T. **O Cristo dos Pagãos: A Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- HARRIS, S. **A Morte da fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- JOHNSON, P. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Araras, SP: IDE, 1993.
- KENYON, J. D. (org). **O Que a Bíblia Não Nos Contou: a História Decreta Sobre as Heresias da Religião Oriental**. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KRAMER, S. N. **Mesopotâmia, o Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- KÜNG, H. **Religiões do Mundo - Em Busca dos Pontos Comuns**. Campinas, SP: Verus, 2004.
- LENTSMAN, J. A. **A Origem do Cristianismo**. São Paulo: Fulgor, 1963.

- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1996.
- PAGELS, E. **Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Vol. 1**. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964a.
- RODRÍGUEZ, P. **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada**. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- TABOR, J. D. **A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- VERMES, G. **Natividade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Periódico:

- Galileu Especial, nº 2, *Cristianismo: Jesus e os Mistérios Que a Bíblia Não Explica*. Rio de Janeiro: Editora Globo, julho/2003.

Internet:

- Imagem capa: *Profeta Isaías*, disponível em:
<http://2.bp.blogspot.com/-BI36aQzxx8/TsPiiRgnt9I/AAAAAAAABIY/28IJeID5tHE/s1600/ISA%25C3%258DAS6.BMP>.
Acesso em: 09 nov. 2021.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Será que os Profetas Previam a Vinda de Jesus?*, disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/201-ser-que-os-profetas-previam-a-vinda-de-jesus-v110>.

Acesso em: 09 nov. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico*

Xavier: uma alma feminina; 9) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução; e 28) Reencarnação e as pesquisas científicas.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 SILVA NETO SOBRINHO, *Será que os Profetas Previram a Vinda de Jesus?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/201-ser-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus-v110>
- 2 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 36-37.
- 3 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 49.
- 4 EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 53.
- 5 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 39.
- 6 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada*, p. 188.
- 7 *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 36.
- 8 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1237-1238.
- 9 *Bíblia do Peregrino*, p. 1685.
- 10 *Bíblia do Peregrino*, p. 1772.
- 11 *Bíblia do Peregrino*, p. 1813,
- 12 *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 889-890.
- 13 ABRIL, *Grandes Heróis Bíblicos, Ed. 01 – Profetas: Oseias, Amós, Isaías, Miqueias, Daniel, Jeremias, Ezequiel, Jonas, Zacarias*, p. 32-34.
- 14 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?*, disponível em:
<http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/6-ebook/10-os-nomes-dos-ttulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores0>
- 15 PAGELS, *Além de Toda Crença: o Evangelho Desconhecido de Tomé*, p. 114.
- 16 *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 955.

- 17 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 226.
- 18 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 324.
- 19 *Bíblia Anotada*, p. 859.
- 20 *Bíblia Anotada*, p. 859.
- 21 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1265.
- 22 O termo *neânis*, segundo pudemos deduzir, significa solteira.
- 23 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 369.
- 24 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 621.
- 25 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 398.
- 26 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho. Vol. 1*, p. 55.
- 27 ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 61.
- 28 LENTSMAN, *A Origem do Cristianismo*, p. 175.
- 29 Nota da Transcrição (N.T.): Todas as traduções da Bíblia foram feitas por mim, exceto se indicado de outra forma. Empreguei itálico para enfatizar determinadas partes.
- 30 A maioria das bíblias o nome citado é rei Acáz, e não Ahaz.
- 31 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 60.
- 32 Isaías 7:14. Essa é uma tradução literal do versículo, não segue a versão tradicional da Bíblia de Jerusalém.
- 33 N.T.: Isaías 9:1.

- ³⁴ N.T.: Isaías 9:5-7.
- ³⁵ ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*. p. 25.
- ³⁶ N.T.: Ver B. M. Metzger e M. D. Coogan (eds), *The Oxford companion to the Bible* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1993), pp. 789-90, e A. N. Wilson, *Jesus: A live* (Nova York: W. W. Norton, 1992), p. 79. Já foram observados muitos outros pares de citações entre o Velho e o Novo Testamentos que não sustentam: Mat 2,3-5 e Miq. 5,2; Mat. 2,16-18 e Jer. 31,15/Gên. 35,19; Mat. 8,18 e Isa. 53,4; Mat. 12,18 e Isa. 42,1-4; Mat. 13,53 e Sal. 78,2; Mat. 21,5 e Zac. 9,9/Isa.62,11. Mat. 27,9-10 afirma cumprir uma profecia que atribui erroneamente a Jeremias, quando, na realidade, aparece em Zacarias 11,12 - eis aí mais evidências de que “A Bíblia não erra”.
- ³⁷ Era considerável o estigma ligado à ilegitimidade entre os judeus no século I d.C.d Ver S. Mitchell, *The gospel according to Jesus* (Nova York: HarperColins, 1991).
- ³⁸ Ver *ibid.*, p. 78, e J. Pelikan, *Jesus through the centuries* (Nova York: Haper and Row, 1987), p. 80.
- ³⁹ HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 109.
- ⁴⁰ HARRIS, *A Morte da Fé: Religião, Terror e o Futuro da Razão*, p. 204.
- ⁴¹ VERMES, *Natividade*, p. 74-79.
- ⁴² TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 76.
- ⁴³ N.T.: Essa é a chamada visão elvídica, em homenagem a Elvídio, um escritor cristão do século IV, que Jerônimo procura refutar. Eusébio, o historiador da igreja do século IV, cita regularmente

fontes antigas e refere-se a irmãos de Jesus “segundo a carne”, certamente concebendo-os como filhos de Maria e José. Consulte Eusébio, *Church History* 2.23;3.19.

- 44 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 90.
- 45 N.T.: Tertuliano, *De Spectaculis* 30.
- 46 N.T.: *Book of the Resurrection of Christ* by Bartholomew the Apostle 1.6-7.
- 47 TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 250-251.
- 48 CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 108.
- 49 ARIAS, *Jesus Esse Grande Desconhecido*, p. 111-112.
- 50 N.T.: Ver F. Nork, *Der Mystagog*, Leipzig.
- 51 N.T.: Isso foi dito por seus discípulos (ver *Pagan Christs*, de Robertson, p. 338).
- 52 N.T.: Vide Plutarco em Ísis e Osíris.
- 53 N.T.: *Ancient Art and Ritual*, de Jane E. Harrison, cap. I.
- 54 N.T.: Vide *Ezekiel* 8:14.
- 55 N.T.: Uma descoloração causada pela terra vermelha que escorre das montanhas com a chuva que foi observada por viajantes modernos. Para obter a história completa de Adônis e de Attis, leia *Golden Bough*, de Frazer, parte IV.
- 56 N.T.: Cox, *Myths of the Aryan Nations*, p. 107.
- 57 N.T.: *Bhagavat Gita*, capítulo XI.
- 58 N.T.: *I Apol.*, capítulo 66.

- ⁵⁹ N.T.: *De Praescriptione Hereticorum*, c. 40; *De Bapt.* c. 3; *De Corona*, c. 15.
- ⁶⁰ N.T.: Para referência desses dois exemplos ver Pagan Christs, de J. M. Robertson, pp. 321 e 322.
- ⁶¹ N.T.: O signo zodiacal de Capricórnio ver *infra* (cap. III).
- ⁶² N.T.: Veja *Encycl. Brit.* art. "Chronology".
- ⁶³ N.T.: "No entanto, existe uma dificuldade em aceitar o dia 25 de dezembro como a data verdadeira do nascimento de Cristo, uma vez que dezembro é o mês com maior incidência de chuva na Judéia, quando os rebanhos e os pastores não poderiam estar à noite nos campos de Belém". *Encycl. Brit.* art. "Christmas Day". De acordo com a *Hastings's Encyclopedica*, art. "Christrnas", "Usener diz que a festa do nascimento era feita originalmente no dia 6 de janeiro (a Epifânia), mas no ano de 353-4 o papa Libério a mudou para o dia 25 de dezembro... mas não há evidências de festas para celebrar a data antes do século IV a.C.". Apenas em 534 d.C. o Natal e a Epifânia passaram a ser considerados *dies non*.
- ⁶⁴ CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 15-19.
- ⁶⁵ CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 35-36
- ⁶⁶ N.T.: Baring Gould, em seu livro *Orig. Relig. Beliej*, I. 401, diz: "Entre os Hindus antigos, Soma era uma divindade; ele é chamado de Provedor da Vida e da Saúde... Encarnou entre os homens, foi pego por eles, morto e triturado em um almofariz (aparentemente um deus de cereal e vinho). Mas ele ressuscitou das chamas e subiu ao céu para ser 'Benfeitor do Mundo' e o 'Mediador entre Deus e o homem. Por meio da

comunhão com ele em seu sacrifício, o homem (que partilhava desse deus) tem uma confirmação de imortalidade, pois com esse sacramento obtém união com sua divindade'."

- ⁶⁷ N.T.: Ver uma considerável lista no livro de Doane, *Bible Myths*, cap. XX.
- ⁶⁸ N.T.: *Hist. Sanskrit Literature*, p. 80.
- ⁶⁹ N.T.: Ver o livro de Kingsborough, *Mexican Antiquities*, vol. VI.
- ⁷⁰ N.T.: Ver *Apologia*, de Tertúlio, c. 16; Ad aciones, c. XII.
- ⁷¹ N.T.: Cap. IX, V. 16.
- ⁷² N.T.: *Primitive Folk*, cap. VI.
- ⁷³ CARPENTER, *Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados*, p. 89-91.
- ⁷⁴ N.T.: Mateus 16:23; *Mahāparinibbana-Sūta* 61.
- ⁷⁵ CAMPBELL, *As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental*, p. 203-205.
- ⁷⁶ CASSANO, *O Paralelismo Com Osíris: Sugestões do Imaginário Cristão em Artefatos Egípcios Antigos*, in. KENYON, (org). *O Que a Bíblia Não nos Contou: a História Secreta Sobre as Heresias da Religião Oriental*, p. 29-36.
- ⁷⁷ KRAMER, *Mesopotâmia, o Berço da Civilização*, p. 169.
- ⁷⁸ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 957.
- ⁷⁹ *Bíblia Sagrada - Barsa*, p. 581.
- ⁸⁰ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 898.
- ⁸¹ *Bíblia Anotada*, p. 905.
- ⁸² *Bíblia de Jerusalém*, 1987, p. 1340-1341.
- ⁸³ *Bíblia Sagrada Pastoral*, p. 947.

- ⁸⁴ EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 72.
- ⁸⁵ *Bíblia Sagrada - Vozes*, p. 890.
- ⁸⁶ RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 191.
- ⁸⁷ *Bíblia Sagrada - Barsa*, p. 603.
- ⁸⁸ *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 985-986.
- ⁸⁹ *Bíblia de Jerusalém*, 2002, p. 1239.
- ⁹⁰ N.T.: Alguns estudiosos consideram o “servo” como um indivíduo (não a nação, ou parte da nação de Israel), uma espécie de representante do povo como um todo. Se essa visão fosse partilhada também pelos antigos leitores, isso levaria naturalmente à compreensão dos cristãos de que o indivíduo não era outro que não seu messias, Jesus. Ver a próxima nota.
- ⁹¹ N.T.: Para outras interpretações do “servo sofredor”, ver qualquer bom comentário sobre 2 Isaías, como Richard J. Clifford. *Fair Spoken and Persuading: An Interpretation of Second Isaiah*. Nova York: Paulist, 1984, ou Christopher Seitz: 'The Book of Isaiah 40-66", em *The New Interpreter's Bible*, organizada por Leander Keck. Nashville: Abingdom, 2001, vol. 6, p. 307-551.
- ⁹² EHRMAN, *O Problema Com Deus*, p. 74-78.
- ⁹³ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1263-1264.
- ⁹⁴ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 159.
- ⁹⁵ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?: As Raízes do Antisemitismo na História Evangélica da Morte de Jesus*, p. 163.

- ⁹⁶ ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 21.
- ⁹⁷ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 239-240.
- ⁹⁸ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 941.
- ⁹⁹ *Bíblia Tradução Ecumênica*, p. 493.
- ¹⁰⁰ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1352.
- ¹⁰¹ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 959.
- ¹⁰² *Bíblia de Jerusalém*, p. 860.
- ¹⁰³ *A Bíblia Anotada*, p. 697.
- ¹⁰⁴ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 37.
- ¹⁰⁵ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1205-1206.
- ¹⁰⁶ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 1206.
- ¹⁰⁷ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 972.
- ¹⁰⁸ *Bíblia Sagrada – Vozes*, p. 946.
- ¹⁰⁹ *Bíblia Sagrada – Ave-Maria*, p. 1021.
- ¹¹⁰ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 971.
- ¹¹¹ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1293
- ¹¹² *Bíblia Shedd*, 1ª Coríntios 15,3.4, p. 1625.
- ¹¹³ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 684.
- ¹¹⁴ *Bíblia Sagrada – Pastoral*, p. 972.
- ¹¹⁵ *Bíblia Sagrada – Santuário*, p. 1052.
- ¹¹⁶ KÜNG, *Religiões do Mundo – Em Busca dos Pontos Comuns*, p. 194.
- ¹¹⁷ *Bíblia de Jerusalém*, p. 1238-1239.

- ¹¹⁸ ARANTES, *O Desafio de Entender Jesus*. in. Galileu Especial nº 2, julho 2003, p. 16.
- ¹¹⁹ BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 185-186.
- ¹²⁰ HARPUR, *O Cristo dos Pagãos: a Sabedoria Antiga e o Significado Espiritual da Bíblia e da História de Jesus*, p. 167.
- ¹²¹ KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265-266.